

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA**

ELOISE SALVARO LOCATELLI

UM OLHAR PARA SIDERÓPOLIS: A CULTURA LOCAL NA ESCOLA

CRICIÚMA

2018

ELOISE SALVARO LOCATELLI

UM OLHAR PARA SIDERÓPOLIS: A CULTURA LOCAL NA ESCOLA

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciatura no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof^a. Ma Édina Regina Baumer

CRICIÚMA

2018

ELOISE SALVARO LOCATELLI

UM OLHAR PARA SIDERÓPOLIS: A CULTURA LOCAL NA ESCOLA

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciatura no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 23 de novembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Édina Regina Baumer – Mestre em Educação (UNESC) – Orientadora

Prof^a. Amalhene Baesso Reddig – Mestre em Educação (UNESC)

Prof^a. Viviane Kraieski de Assunção – Doutora em Antropologia Social (UFSC)

Com muito amor, dedico este trabalho aos meus pais e à minha irmã, as minhas maiores motivações. E a toda a comunidade de Siderópolis.

AGRADECIMENTOS

Se eu cheguei até aqui, é por que tive pessoas sempre ao meu lado, estas me apoiaram desde o início. A primeira delas foi minha mãe, Nadir Salvaro Locatelli. Agradeço a ela, antes de todos por todas as idas até a UNESCO em busca de uma bolsa de estudos, a qual foi essencial para meu egresso na Universidade. As tempestades de verão que passamos em muitas das tardes, vieram para revelar o sol que seria a minha caminhada dentro do curso de Artes Visuais - Licenciatura, incentivado por ela, a pessoa que mais acredita no meu potencial. Com todo o amor, muito obrigada, mãe!

Estendo este primeiro agradecimento a toda a minha família, começando pelo meu pai Gildo Locatelli que caminhou comigo em todas as etapas, desde pintar caixas para estúdios, procurar materiais no seu paiol, fazer esculturas de arame, chegando até a esse momento último, comentando sobre suas memórias diante das fotografias ao folhear todos os livros sobre Siderópolis. Agradeço também a minha querida irmã Angélica Salvaro Locatelli, que esteve me acompanhando como uma verdadeira amiga, compartilhando seus conhecimentos e me tranquilizando. E ao meu namorado, Gustavo Henrique Rodrigues Santos, meu refúgio aos momentos em que meu desejo era esquecer a pesquisa e só ir ao cinema, obrigada pelas palavras de conforto e pela paciência. E por fim, a todos aqueles familiares que sabem que contribuíram com minha caminhada nesses quatro anos, mesmo a mais singelas ajudas, seja me levando até a UNESCO para entregar ou receber documentos, seja me ajudando com informações para a pesquisa, saibam que vocês foram essenciais.

Em seguida agradeço aos professores do curso de Artes Visuais, em especial a minha orientadora. Quero deixar aqui registrado que vocês são minhas inspirações e sempre serão lembrados em toda a minha docência. Espero reencontra-los futuramente. Do mesmo modo, agradeço as minhas amigas Ana Cláudia Pinheiro Marques e Ana Paula Correa Antônio, que estiveram diretamente comigo. Uma amizade que iniciou na primeira fase e se fortaleceu a ponto que a imagem de uma está ligada as outras. As duplas nunca foram duplas, uma nunca deixou a outra cair, esse é o sinônimo de amizade: apoio. Nosso triângulo está marcado para sempre. Foi com vocês que comecei a criar laços com o curso e é com vocês que esse ciclo se fecha.

Um agradecimento muito especial à comunidade de Siderópolis, tantas pessoas boas que compartilharam comigo o desejo de realizar essa pesquisa, cedendo materiais, livros, pesquisas e o mais importante: tempo e atenção. Rogério, Maria Lurdete, Arisson e tantas outras pessoas que mesmo com poucas palavras, com um nome, um telefone, uma sugestão, contribuíram fortemente. Siderópolis precisa de mais profissionais como vocês, muito obrigada!

Por fim, deixo o meu agradecimento mais importante, a Deus. Ele cuidadosamente colocou todas essas pessoas em meu caminho, é meu abrigo, minha fortaleza. Acompanhou-me durante os momentos de dificuldade, não permitiu que saísse de vista o meu objetivo, me concedeu saúde e força para poder concluir essa grandiosa fase da minha vida.

“A verdadeira viagem de descobrimento não consiste em procurar novas paisagens, e sim em ter novos olhos.”

Marcel Proust

RESUMO

O presente trabalho insere-se na linha de pesquisa Educação e Arte do curso de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC, classificando-se de natureza básica e com abordagem de caráter qualitativo, apoiada pela metodologia a/r/tográfica. Pretendi com esta pesquisa, investigar se a cultura local do município de Siderópolis/SC vem sendo desenvolvida com os alunos observando as imagens presentes nas escolas; Conhecer a história da colonização de Siderópolis/SC; Rever a importância do ensino da cultura local nas aulas de Artes; Identificar quais elementos da cultura local são desenvolvidos nas aulas de Artes; Identificar nas imagens presentes nas escolas elementos da cultura local. E tracei como problema de pesquisa: **Observando as imagens expostas nas escolas, é possível perceber se a cultura local de Siderópolis/SC vem sendo desenvolvida com os alunos?** Através destes questionamentos, com a a/r/tografia, estreitei minha própria relação com a história do município, ressignificando minha trajetória enquanto moradora, estudante e estagiária, resgatando minhas memórias e destacando a importância do ensino da cultura local nas aulas de Artes. Analisando todas as imagens que convidaram o meu olhar, expostas em três escolas de Siderópolis/SC, concluí por ora que as escolas promovem estudos sobre a cultura local e que os alunos e alunas têm espaços para conhecer temas presentes no município. No entanto, não foi possível identificar nenhum patrimônio cultural sendo desenvolvido nas aulas de modo direto, resgatando as histórias dos mesmos e a sua importância no cenário artístico. Mesmo levando em conta que a cultura local faz parte das aulas, inclusive na disciplina de Artes, ela se mostra ainda tímida diante da abrangência desse conteúdo e dos recursos disponíveis no município. Os alunos, por sua vez, puderam ressignificar a cultura com suas percepções e seus contextos e afirmar através da arte que pertencem a esse espaço e se fazem produtores de histórias e de cultura.

Palavras-chave: Cultura local. Aula de Artes. Patrimônio cultural.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Localização do município de Siderópolis/SC	25
Imagem 2 – Vista aérea de Siderópolis.....	26
Imagem 3 – Logotipo oficial em comemoração aos 120 anos de colonização italiana em Siderópolis	27
Imagem 4 – Santuário Nossa Senhora de Fátima.....	35
Imagem 5 – Escultura do Santuário Nossa Senhora de Fátima	36
Imagem 6 – Capela Santa Ana	37
Imagem 7 – Interior da Capela Santa Ana	38
Imagem 8 – Cachoeira do Bianchini.....	39
Imagem 9 – Represa Egídio Amboni.....	40
Imagem 10 – Monumento ao Imigrante.....	41
Imagem 11 – Entrada do Túnel da Ferrovia Tereza Cristina	42
Imagem 12 – Saída do Túnel da Ferrovia Tereza Cristina	43
Imagem 13 – Registro fotográfico das produções da Escola A	48
Imagem 14 – Registro fotográfico das imagens presentes na Escola A.....	50
Imagem 15 – Registro fotográfico das imagens na Escola B.....	51
Imagem 16 – Registro fotográfico das produções na Escola B	52
Imagem 17 – Registro fotográfico das imagens na Escola C	54
Imagem 18 – Registros fotográficos das produções da Escola C.....	56

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CASAN	Companhia Catarinense de Águas e Saneamento
CSN	Companhia Siderúrgica Nacional
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
SC	Santa Catarina
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1 O MEU INTERIOR	11
2 ENTRE ARTE E CULTURA.....	16
3 TENDENS AD SIDERA	22
4 ENRAIZAR: O QUE REVELA SIDERÓPOLIS?	32
5 A CULTURA LOCAL: ENTRE ESCOLAS, IMAGENS E OLHARES.....	46
6 PROJETO DE CURSO: UMA PROPOSTA CULTURAL	59
7 ÚLTIMA PARADA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	62
REFERÊNCIAS	66
APÊNDICE	70

1 O MEU INTERIOR

antes de dormir, eu lembro, de onde a gente vêm.
das memórias que se têm
e que se ganha.
das que ficam bonitinhas com o tempo.

do cheiro do café, passado.

são os tijolos na parede.
é o meu coração.
é a a-r-q-u-i-t-e-t-u-r-a.

universo múltiplo instantâneo e cumulativo.

eu fotografei para eternizar.
eu ouvi para me afetar.

um reumatismo temporal.
que não me deixa olhar para trás
sem me virar inteira.

eu mor(r)o aqui.

(Tina Merz)

Carrego em minha história a presença da arte. Desde a infância me percebia atrelada a cadernos de desenhos que minha mãe comprava sempre que podia e neles eu mergulhava, me perdia nas horas que ainda nem sabia contar. Essa paixão pelo desenho também estava ligada ao amor pela escola, que sempre foi visível mesmo que não soubesse que podia levar essas paixões para a minha futura profissão.

Venho de uma família que se constitui tanto por parte de pai, como de mãe, por descendentes italianos, assim como a maioria dos moradores do município de Siderópolis/SC, lugar de onde eu falo, e cuja colonização se deu quase que inteiramente por imigrantes que vieram da Itália em 1891, originando o município de Nova Belluno e posteriormente Siderópolis. São 127 anos de história passada de geração em geração pelas famílias que, como a minha ainda, aqui residem.

Estudei desde a Educação Infantil até a 8ª série do Ensino Fundamental II na Escola de Educação Básica Municipal Jorge Bif, desse modo, passei por todo o meu crescimento dentro de uma escola municipal, e assim como em casa, sentia a

presença da cultura italiana, onde lembro-me de estudar a história do município de Siderópolis em sua colonização nas disciplinas de História e de Língua Estrangeira Italiana, de ver os desfiles cívicos de 7 de setembro organizados pela escola enaltecendo a cultura dos colonizadores, mas, não guardo nenhuma memória sobre a cultura local sendo desenvolvida nas aulas de Artes.

Em 2015, ingressei no Curso de Artes Visuais – Licenciatura, na Universidade do Extremo Sul Catarinense, e no mesmo ano retornei à escola na qual estudei por toda minha infância e adolescência, mas, dessa vez, como estagiária. Atuei no primeiro ano auxiliando dois alunos com deficiência no 6º ano do Ensino Fundamental, e no segundo ano em uma turma de Educação Infantil com crianças entre cinco e seis anos, auxiliando a professora devido ao número de alunos em uma turma. Assim começou minha trajetória na educação, ainda que meu contato com a disciplina de Artes poderia ser considerado pouco, aprendi muito e tive oportunidade de assistir e participar das aulas de Artes, agora com outra perspectiva.

Como acadêmica alimentei e cultivei a importância da cultura local, primeiramente ao ter contato com professoras que demonstram valorizar os municípios onde residem e atuam, e depois de alguns semestres, com as disciplinas de Antropologia Cultural e Cultura Regional. Senti também esse desejo e a necessidade de buscar na cultura a valorização da história que faz parte da vida dos estudantes de Siderópolis, município no qual pretendo lecionar durante toda a minha carreira como professora de Artes. Sinto que esse desejo também se apoia em produções de arte sobre autorretrato que me acompanham por toda a minha infância e adolescência e persistiu durante meu trajeto no curso de Artes Visuais. Hoje, posso afirmar que essas reflexões sobre o meu eu, reconhecendo e retratando minha identidade ao desenhar-me, podem estar ligadas também ao desejo de valorizar minha cultura, afinal, não posso me distanciar de onde vim quando busco retratar-me.

Enquanto acadêmica e principalmente através da disciplina de Cultura Regional, tive espaços para reafirmar minhas origens de família de descendentes de imigrantes italianos. Busquei com familiares a história que originou toda a nossa família e assim me descobri com raízes em Siderópolis, com a minha vida entrelaçada com o desenvolvimento desse município.

Mas, foi com o retorno a Escola de Educação Básica Municipal Jorge Bif e com os estudos que conjuntamente estava vivenciando na Universidade, que tive oportunidades de ver a educação com outro olhar, e estar dentro da sala de aula foi importantíssimo para notar alguns aspectos presentes principalmente nas aulas de Artes. Entre esses aspectos, posso apontar a falta da valorização da cultura local, dos costumes, tradições, crenças e de toda a identidade cultural do município sendo trabalhada em conjunto com a arte.

Da mesma forma, nos estágios obrigatórios realizados durante minha graduação, tive a chance de estar inserida em escolas municipal, estadual e particular e posso mencionar poucos momentos em que observei os professores de Artes proferirem sobre a cultura local. Coloco-me também dentro dessa constatação, pois não consegui me debruçar em conteúdos que envolvessem a cultura do município de forma mais significativa, muito devido à falta de bagagem e a ausência de conhecimento e experiências enquanto estudante na Educação Básica como relatei anteriormente, me deixando insegura para desenvolver esse tema, por outro lado, essa deficiência foi importante para despertar inquietações que estarão presentes nessa pesquisa.

A partir desse contexto, me inserindo também na pesquisa, como moradora, aluna e estagiária, busco aproximar-me de forma mais reflexiva do tema cultura local de Siderópolis e a arte, e diante disso, proponho-me problematizar sobre: Observando as imagens expostas nas escolas, é possível perceber se a cultura local de Siderópolis/SC vem sendo desenvolvida com os alunos?

E percorro meu caminho questionando: Como se constituiu a história do município de Siderópolis? Quais são os patrimônios culturais do município? A cultura local vem sendo estudada nas aulas de Artes? Os alunos das escolas de Siderópolis/SC conhecem a cultura local do município? É possível notar a cultura local nas produções artísticas dos alunos expostas na escola?

Através destes questionamentos, busco estreitar minha própria relação com a história do município, ressignificando minha trajetória enquanto moradora, estudante e estagiária, resgatando minhas memórias e destacando a importância do ensino da cultura local nas aulas de Artes.

Pretendo com esta pesquisa, investigar se a cultura local do município de Siderópolis/SC vem sendo desenvolvida com os alunos observando as imagens presentes nas escolas; Conhecer a história da colonização de Siderópolis/SC; Rever

a importância do ensino da cultura local nas aulas de Artes; Identificar quais elementos da cultura local são desenvolvidos nas aulas de Artes; Identificar nas imagens presentes nas escolas elementos da cultura local.

Dessa forma, apresento o trabalho de conclusão de curso de Artes Visuais – Licenciatura, inserido na linha de pesquisa Educação e Arte, com a ementa: “princípios teóricos e metodológicos sobre educação e arte. A formação de professores. As artes visuais e suas relações com as demais linguagens artísticas. Estudos sobre estética, culturas e suas implicações com a arte e a educação”.¹

Sendo assim, trago Minayo (2004, p. 17) definindo a pesquisa como “a atividade básica da Ciência na sua indagação e construção de realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo”.

A presente pesquisa, ainda se classifica de natureza básica e com abordagem de caráter qualitativo, apoiada pela metodologia a/r/tográfica, a qual busca saberes que não são exatos, com uma pesquisa viva considerando o percurso da pesquisa um lugar de importância quase equivalente ao resultado final, buscando relações que não são óbvias. Assim, afirma Irwin sobre os procedimentos:

A/r/tógrafos podem usar as formas qualitativas de coletar dados das ciências sociais (levantamentos, coleta de documentos, entrevistas, observação participante, etc.) e frequentemente também se interessam por histórias de vida, lembranças e fotografias. (IRWIN, 2013, p. 29).

Busquei alcançar o objetivo citado anteriormente, a partir de observações em três escolas de Siderópolis/SC, com o contato com a comunidade escolar coletando dados em uma pesquisa de campo, que, para Gil (2002, p. 53): “é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado [...] Esses procedimentos são geralmente conjugados com muitos outros, tais como a análise de documentos, filmagem e fotografias”. Assim, analisei as imagens presentes nas escolas buscando aspectos da cultura local, mas, ao mesmo tempo, busquei constituir este trabalho de conclusão de curso, em concordância com a metodologia empregada e para isso trago Irwin e Springgay (2013, p. 143):

¹ Dados disponíveis em: http://www.unesc.net/portal/resources/files/42/normas_tcc_licenciatura.pdf
Acesso em: 07 maio 2018.

A a/r/tografia como pesquisa viva necessariamente abre o caminho para descrever e interpretar a complexidade da experiência entre os pesquisadores, artistas e educadores, assim como a vida dos indivíduos das comunidades com as quais eles interatuam.

O estudo das imagens presentes nas escolas, aqui proposto como uma forma de investigar a presença de estudos sobre cultura local, mostra-se corresponder com o estudo a/r/tográfico, visto que esse tipo de estudo “é uma forma de representação que privilegia tanto o texto (escrito) quanto a imagem (visual) quando eles se encontram em momentos de mestiçagem ou hibridização” (DIAS, 2013, p. 25). Dessa forma, o ato de ver revela uma fundamental importância e assim, busco relações culturais e memórias de experiências próprias ao construir esta escrita.

2 ENTRE ARTE E CULTURA

A arte envolve a vida de todas as pessoas, ela é intrínseca à cultura, ela altera-se com o tempo e com o lugar onde a encontramos, assim como as formas de significá-la também. “Expressar-se artisticamente sempre foi uma necessidade humana, desde a pré-história até os dias de hoje. [...] o ser humano expressou e expressa suas ideias, emoções e sentimentos, produzindo arte” (BAUMER, 2009, p. 12). Ela sempre esteve presente na história da humanidade até a contemporaneidade como uma forma singular de expressão, seja pelas artes visuais, dança, música ou teatro. Camnitzer (2017) define a arte, como uma forma de pensar, de adquirir novos conhecimentos e de expandi-los, e que nos ajuda a usar a imaginação.

A arte modifica, desloca, provoca, emociona, sua definição se transforma, mas a sua potência na vida dos indivíduos se mantém. Dessa forma, explorando-a no campo da docência “ela nos permite não apenas conhecer o novo, mas também desconhecer e reconhecer o velho através de novas visitas sem preconceitos”. (CAMNITZER, 2017, p. 22).

O ver, sentir e fazer arte proposto pelos professores de Artes nas escolas pode possibilitar vivências artísticas aos alunos, formando-os cidadãos pensantes e críticos, que buscam novas perspectivas ao olhar para seus entornos. Sabemos que o ensino da arte tornou-se componente curricular obrigatório, através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394/96, no artigo 26 em seu parágrafo 2º, alterada pela lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017: “O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação básica”. Diante disso, a sua importância no âmbito do ensino se reafirma, especialmente ao tratar das manifestações artísticas locais.

O contato com a arte aflora no sujeito que a atravessa, sentimentos e sensações únicas e individuais, sejam diante de qualquer produção artística, da clássica a mais contemporânea, da popular a mais erudita. Essas experiências estéticas podem contribuir no desenvolvimento de um aluno sensível diante de sua realidade tendo bagagem para compreendê-la e interpretá-la. Sobre isso, Makowiecky diz que:

Podemos resumidamente colocar o papel do arte-educador e do ensino da arte de modo geral como tendo o objetivo de desenvolver a mente no sentido da autonomia e da independência do indivíduo e de ampliar o âmbito e a qualidade de experiência estética, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência artística e para o aprimoramento do indivíduo como ser. (2008, p. 140).

Também encontramos Ferraz e Fusari (2009, p. 141) afirmando que no ensino da arte são importantes as metodologias “que visam a ajudar os alunos na apreensão viva, crítica e significativa de noções e habilidades culturais em arte. São noções a respeito de produções artísticas pessoais e apreciação estética”. Com a oportunidade de aproximação com linguagens artísticas que esse ensino pode proporcionar, os alunos poderão experimentá-las ampliando o seu repertório artístico-cultural e conseqüentemente as possibilidades de criar diálogos críticos e reflexivos entre as artes e a sociedade em que os pertence.

Ainda para Ferraz e Fusari (2009) desde a infância nos mantemos em contato direto com manifestações culturais, que contribuem para a nosso senso estético, nossas formas de demonstrar sentimentos, como gosto ou rejeição por tudo o que interagimos e nos comunicamos no dia a dia, com o aprendizado ao dar sentido e de nos comunicar, enfim, o convívio com a comunidade que caracteriza nossa vida cotidiana é um espaço de muita aprendizagem.

Dessa forma, para o ensino da arte na contemporaneidade, Pillotto (2008, p. 36) afirma que “é fundamental que se oportunize aos alunos o estudo de imagens, obras e objetos de tradições populares, pois, caso contrário, estamos fadados a olhar num único sentido”. Ou seja, o professor deve abordar o contexto global e local dos alunos, mas não favorecer apenas uma representação da arte, estimar as expressões regionais, bem como os artefatos artísticos da comunidade, entorno da escola e de suas casas e as diversas formas de manifestações artísticas, sem hierarquiza-las é fundamental na perspectiva de se oportunizar um ensino significativo e de qualidade, onde visões diferentes sobre a arte interagem, visto que cada sujeito se constrói em seu próprio meio:

Ao conhecer a arte produzida em diversos locais, por diferentes pessoas, classes sociais e períodos históricos e outras produções do campo artístico (artesanato, objetos, audiovisual etc.), o educando amplia sua concepção da própria arte e aprende a dar sentido a ela. Desse convívio decorre, portanto, conhecimentos que desenvolvem o seu repertório cultural, mas acima de tudo, possibilitam-lhes a apropriação crítica da arte, aprender a identificar, respeitar e valorizar as produções artísticas e, compreender que existe, tanto eruditas como populares. (FERRAZ; FUSARI, 2009, p. 19).

Nessa concepção, torna-se essencial a escolha de conteúdos que possam interagir com o cotidiano dos alunos, considerando seus contextos pessoal e escolar, pois dessa forma, a criação de significados é mais evidente. Contudo, a cultura aqui se faz presente como parte integrante desses contextos. A presente relação entre educação e cultura é defendida por Forquin (1993 apud ALMEIDA 2015, p. 84):

A cultura nos constitui como sujeitos humanos, e pela educação, ela é transmitida de geração em geração. Assim, se a cultura é conteúdo substancial da educação, [...] a educação realiza a cultura; ou seja, uma e outra são duas faces da mesma moeda; não se pensa em uma sem a outra.

No campo do ensino da arte, ao compreender o aluno como um compositor de toda a sua trajetória, com um olhar em constante evolução, com potência para a construção de significados, deve envolver as diversas formas de ver, que são desenvolvidas a partir da cultura. Pilloto (2008, p. 43) nos diz que: “o sentido e a resignificação que as pessoas dão aos objetos, as situações e as relações, passam pela impressão que têm de mundo, do seu contexto histórico e cultural, dos afetos, das relações inter e intrapessoais”. O valor e a apropriação que se dá ao que se vê depende das referências que o sujeito criou durante sua vida.

Logo, a valorização da cultura local no ensino da Arte gera aproximação não só entre professor e aluno, mas também entre alunos e conteúdos e promove, acima de tudo, um maior reconhecimento dos alunos diante de seu cotidiano e de sua cidade, estreitando os laços que envolvem a arte, a cultura e suas identidades. Nesse instante, relembro o meu problema de pesquisa: Observando as imagens expostas nas escolas, é possível perceber se a cultura local de Siderópolis/SC vem sendo desenvolvida com os alunos? Reafirmo como é potente o ensino da cultura local nas aulas de Artes. E destaco um dos documentos que norteiam nosso ensino, os Parâmetros Curriculares Nacionais, que ao discorrer sobre os conteúdos do Ensino Fundamental:

Orienta-se o ensino da área de modo a acolher a diversidade do repertório cultural que a criança traz para a escola, a trabalhar com os produtos da comunidade na qual a escola está inserida e também que se introduzam informações da produção social a partir de critérios de seleção adequados à participação do estudante na sociedade como cidadão informado. (BRASIL, 1997, p. 37).

Ainda pensando sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais, eles nos indicam que o ensino da Arte voltado para as várias formas de produções artísticas e nas mais diversas culturas, com o enfoque não se restringindo somente para a cultura de massa ou a erudita, possibilita ampliar repertórios ao contato com as linguagens artísticas, compreendendo que todas as formas de arte são valiosas, assim como as que são produzidas em suas comunidades. Os conhecimentos de Arte nos PCN “foram direcionados ao autoconhecimento, ao outro, ao fazer e perceber arte com autonomia e criticidade, ao desenvolvimento do senso estético e à interação dos indivíduos no ambiente social/tecnológico/cultural”. (FERRAZ; FUSARI, 2009, p. 57). Nesse âmbito, Almeida (2015, p. 86) entende que o ensino da arte baseado nos PCN “considera imprescindível pôr, os/as estudantes em contato direto ou indireto (via reprodução) com artefatos, manifestações e eventos culturais para construir conhecimentos e valores próprios ao campo das artes”.

Faz-se necessário, nesse momento, buscar definições sobre o termo cultura. Um termo difícil, que me percorreu por toda a graduação, e hoje entendo que é muito mais do que um conjunto de crenças, gostos, artes, costumes, comportamentos, e vários outros aspectos que nos identificam como membros de uma sociedade, e nos diferencia de outros grupos. Contudo, trago autores que refletem sobre esse conceito e nos mostram formas importantes de ver a cultura.

Destaco uma reflexão de Geertz (1989, p. 4) conceituando: “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias”, somos cercados por aspectos que nos identificam, nos abraçam e nos marcam. Entender a cultura na qual fazemos parte se faz um caminho importante para que possamos interagir com ela, como sujeitos e ao mesmo tempo reconhece-la e assim compreender a nós mesmos.

Aranha (1993 apud LEITE 2008, p. 56) considera a cultura como sendo “tudo o que o homem produz ao construir sua existência” e completa afirmando que é “a capacidade do homem produzir sua própria história”. Assim colocado, podemos entender a cultura como códigos, que unem pessoas em uma totalidade, “é algo que está dentro e fora de cada um de nós” (DA MATTA, 1981, p. 2).

Como teias que envolvem o sujeito, a cultura também é considerada um mapa, por onde o grupo percorre. O sujeito, portanto, é envolto, de todos os lados por aspectos compartilháveis que atravessam seu caminho. Para Da Matta (1981 p. 2):

Cultura é, em Antropologia Social e Sociologia, um mapa, um receituário, um código através do qual as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmas, é justamente porque compartilham de parcelas importantes deste código (a cultura) que um conjunto de indivíduos com interesses e capacidades distintas e até mesmo opostas transformam-se num grupo e podem viver juntos sentindo-se parte de uma mesma totalidade. Pode, assim, desenvolver relações entre si, porque a cultura lhes forneceu normas que dizem respeito aos modos mais (ou menos) apropriados de comportamento diante de certas situações.

Comungo com a visão abordada por Ruth Benedict (1972 apud LARAIA 2005, p. 67) ao dizer que “a cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo. Homens de culturas diferentes usam lentes diversas e, portanto, têm visões desencontradas das coisas”. A cultura influencia o modo como vemos e percebemos o que está ao nosso redor, de modo que culturas diferentes podem atribuir significados distintos ao que veem, bem como, desenvolvem suas próprias formas de lidar diante da mesma situação.

Em diálogo com Leslie White, Laraia conceitua que a cultura é composta por símbolos e esses são apreendidos na sociedade, passados pelos antepassados, são carregados de significados e transmitem sentimentos, memórias e identidade. “Toda cultura depende de símbolos. É o exercício da faculdade de simbolização que cria a cultura e o uso de símbolos que torna possível a sua perpetuação. Sem o símbolo não haveria cultura”. (WHITE, 1955 apud LARAIA, 2005, p. 55).

Em relação à cultura e a arte, essa interação com a semiótica também está presente, principalmente defendido com Geertz, afirmando que os objetos de arte têm um significado cultural e esse é sempre um processo local:

A participação no sistema particular que chamamos de arte só se torna possível através da participação no sistema geral de formas simbólicas que chamamos de cultura, pois o primeiro sistema nada mais é que um setor do segundo. Uma teoria da arte, portanto, é ao mesmo tempo uma teoria da cultura e não um empreendimento autônomo. (2004, p. 165).

Para a compreensão sobre arte acontecer, a compreensão da cultura deverá estar junto, pois uma não se desliga da outra. São como as teias citadas por Geertz anteriormente. Elas caminham juntas, e se entrelaçam, portanto, o ensino da Arte é protagonista no estreitamento dessa relação.

“A arte, enquanto diversas formas de expressão humana, e a cultura, enquanto conjunto de manifestações da vida cotidiana, contribuem para o desenvolvimento das sociedades por meio da educação” (BAUMER, 2009, p. 48).

Finalizo este capítulo com a citação de Baumer, já que nesse instante, compreendemos a importância que o ensino da arte tem ao promover espaços de reconhecimento cultural. Acredito que nós, professores e futuros professores de Artes, temos um papel fundamental na formação de cidadãos e inserir a cultura local de onde os alunos estão inseridos e da qual faz parte deles enquanto sujeitos, faz-se um caminho necessário na busca pela valorização de suas próprias identidades. O aluno deve ter clareza de que ele pertence àquele lugar, mas que ele também é construtor dessa cultura, e nessa dinâmica, a arte também está presente.

3 TENDENS AD SIDERA

Já faz tempo
 Eu vi você na rua
 Cabelo ao vento
 Gente jovem reunida...
 Na parede da memória
 Essa lembrança
 É o quadro que dói mais

(Belchior, 1976)

As palavras que nomeiam esse capítulo são retiradas do brasão de Siderópolis, este criado pelo Decreto-Lei nº 217, de 24/02/66 e descrito em seu artigo segundo: “A divisa "TENDENS AD SIDERA" - aspirando ao alto, literalmente tendendo aos astros, é verso de Virgílio do poema Eneida, sintetiza nossas aspirações”². Encanto-me com a poesia latente ali inserida. No trajeto de reconhecimento do município, encontrei essas palavras, que por pelo menos dez anos estiveram estampadas no meu uniforme escolar. Esse anseio, de voltar-se para as estrelas, faz parte da identidade dessa comunidade, que caminhou em direção ao progresso. Também nos permite olhar para o nome do município, e pensar no morfema “sidero - afixo de origem grega (síderos) que se refere a ferro.” (WARMLING et al., 2012, p. 31), não apenas remetendo a siderúrgicas, mas também como as estrelas, “sidéreus: relativo às estrelas; sidéreo; brilhante; estrelado; celeste.”³

Para Laraia (2005, p. 49): “A cultura é um processo acumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores. Este processo limita ou estimula a ação criativa do indivíduo”. Logo, buscar o reconhecimento das experiências vividas pelos antepassados pode nos apontar os caminhos já percorridos e nos ajudar a entender para onde também possamos trilhar nossas caminhadas. A herança que nossos antepassados nos passa é valiosa na construção de novos conhecimentos.

Nesse trajeto, com o resgate a cultura local de Siderópolis/SC, um município que tem sua história construída por indígenas, italianos, afrodescendentes e outros povos, também reafirmo minhas origens, revelando de onde vem o meu

² Dados disponíveis em: <https://leismunicipais.com.br/lei-organica-sideropolis-sc> Acesso em: 16 set. 2018.

³ Segundo o Dicionário Escolar Latino - Português, 1939, p. 412.

olhar e evidenciando marcas importantes que mantêm a história viva na memória da população.

Esses italianos e italianas que fazem parte da construção do município, também formam minha família e estão vivos em minha memória. Principalmente na infância, em que o lugar mais longe que eu passeava era na casa dos meus nonos⁴, no bairro Santa Luzia de Siderópolis, como a maioria dos descendentes dos colonos italianos que aproveitaram os costumes dos antigos nas casas dos avós. “A memória é uma paisagem contemplada de um comboio em movimento [...] São coisas que ocorrem diante dos nossos olhos, sabemos que são reais, mas estão longe, não podemos tocar” (AGUALUSA, 2004 apud CANTON, 2009, p. 32). As brincadeiras, os cheiros, as festas, são recordações guardadas muito bem num potinho de vidro, as contemplo de longe.

Nada mais existe, nem a casa com uma cristaleira lindíssima que balançava a cada passo no assoalho de madeira. Quando brincávamos de esconde-esconde, as corridas não nos deixavam escapar, o encostar das louças ganhadas no casamento, lá dentro, soavam como música. Nem a elegante poltrona do nono Bellino que cheirava a palheiro e que ninguém tinha permissão para sentar. Nem o paiol, lugar de mistérios, histórias e brincadeiras misturadas com poeira. O que restou, foram minhas memórias. Para Bergson (apud BOSI, 2001, p. 46):

A memória permite a relação do corpo presente com o passado. [...] pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora.

Eu cresço junto com a minha cidade, nas minhas produções, nas minhas falas, no meu interior, tudo tem muito de Siderópolis. E nessa trajetória, coleciono histórias, memórias, saudades. Neste capítulo, converso com minhas memórias, resignificando-as num momento em que meu olhar se volta mais intenso.

Montenegro (1994, p. 17) entende a história como “uma construção que, ao resgatar o passado (campo também da memória), aponta para formas de explicação do presente e projeto o futuro”. Nesse espaço, onde o passado retorna, um novo tempo se faz. Não é uma tentativa de reviver, mas sim, de olhar com outros

⁴ Como aprendemos a chamar os avós de acordo com o dialeto que os mesmos usavam.

olhares, onde inquietações internas mudam minha forma de significar o que passou, convergindo para o que afirma Bosi (2001, p. 46) “a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo ‘atual’ das representações”.

A preservação da memória necessita da coletividade, de um olhar atento que resgata as histórias e as repassa mantendo as experiências – de um povo passado – vivas nas memórias do presente, desse modo, “a lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora a consciência na forma de imagens-lembranças” (BOSI, 2001, p. 53).

Por algum tempo não valorizei meu município e acredito fortemente que quando desconhecemos algo, tendemos a rejeitar. Mas, hoje, sei do valor que essa terra tem. Na construção desta pesquisa, reconheço cada vez mais a história desse povo, que é o meu povo e que também sou eu. O verso aqui abaixo, não é apenas um verso, nele vejo muito de Siderópolis e caminho numa tentativa de tirar a poeira de cima do brilho do município, de pessoas que não se conheciam, sabiam pouco ou quase nada sobre seu destino, mas que aqui se uniram e caminharam para a construção e desenvolvimento do um lugar que reluz suas lutas.

*Imagina a nossa terra reluzindo o que tem de mais profundo
Imagina o nosso povo todo se entendendo em coros, cantos, ó que sorte.*

Jorge, eu já perdi meu tempo encarando o próprio espelho [...]

(Não me deixa esquecer)

Que o melhor lugar do mundo é aqui

(Não me deixa esquecer)

(Rubel, 2018)⁵

Siderópolis, um município rico em belezas naturais, rodeada por rios, cachoeiras e paisagens de tirar o fôlego. Rota e parada de muitos visitantes, fazendo divisa com Treviso, Nova Veneza, Urussanga, Criciúma, Cocal do Sul e Bom Jardim da Serra. “Localizada na latitude 28°35'52" sul e na longitude 49°25'28"

⁵ Rubel Brisolla (27 anos), músico brasileiro do Rio de Janeiro. Música disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=avRmAJE9jLI> Acesso em: 28 ago. 2018

oeste, estando a uma altitude de 147 metros”⁶. Ao chegar ao centro da cidade, descendo o morro na Rodovia SC 445, sentido Criciúma – Siderópolis nos deparamos com pinceladas de tons verdes e azuis, as montanhas da Serra Geral ao fundo e uma linda comunidade ao redor da Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida. Este é meu percurso, por onde inevitavelmente transito e me percebo deslumbrada a cada nova vez.

Imagem 1 – Localização do município de Siderópolis/SC



Fonte: www.sideropolis.sc.gov.br

Encontro em Scano (1963) praticamente a mesma visão sobre o município, quando o autor traz a história dos primeiros imigrantes e descreve que o primeiro contato que eles tiveram desse pedacinho de terra em 1891, foi um deslumbre pela natureza, evidenciando que as belezas naturais sempre foram reconhecidas no município:

Havia mata por toda parte. Mata cobrindo terras planas e mata subindo por montes, mata acompanhando os rios e mata agarrada aos paredões da Serra. A Serra dominava tudo, no fundo, lá por cima. Picos azulados, às vezes encobertos por nuvens e nevoeiros. Lá por trás da Serra diziam que ficavam os campos sem fim, mas os campos estavam do lado de lá, e de cá o que havia era mesmo mata e, no fundo, lá por cima, a Serra. (SCANO, 1963, p. 45).

⁶ Dados disponíveis em: <http://www.sideropolis.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaltem/27278> Acesso em: 05 maio 2018.

Imagem 2 – Vista aérea de Siderópolis



Fonte: <http://www.insieme.com.br/wp-content/uploads/2018/07/sideropolis-belluno.jpg>

Lembro-me de sempre ouvir, desde a infância, comentários de que Siderópolis tem um formato que remete a uma bacia, e em minha inocência, acreditava que minha cidade era um grande pote, cheio de pessoinhas. Se for um pote, então feito de ouro, por que essas pessoas, não são pequenas em nenhum aspecto. Os imigrantes italianos viajaram até o Brasil com a promessa de uma vida melhor e Warmling (et al., 2012) apontam que enquanto seu país de origem passava por guerras que deixaram a Itália no século XIX na pobreza com grande desemprego, o Brasil com grandes plantações de café e recente Abolição da Escravatura, sentiu-se precisando de mão de obra barata. Ao mesmo tempo, o Brasil tinha pressa em colonizar a região sul por receio dessas terras serem tomadas pelos países vizinhos e sendo italiana a princesa Tereza Cristina, incentivou-se ainda mais a imigração do povo italiano para o Brasil. Ainda encontro em Warmling et al. (2012, p. 24):

A imigração italiana no sul de Santa Catarina teve início em 1877, com a colonização de Azambuja; posteriormente, com a colonização de Urussanga e Criciúma. E, a partir de 1891, com a Colônia de Nova Veneza. Imigravam, geralmente, em famílias e até em pequenas comunidades inteiras, provenientes, em sua maioria, da região de Vêneto.

Então, em dezoito de julho de 1891 chegou ao Núcleo de Belluno, 234 imigrantes italianos, entre eles, mulheres, homens, crianças e idosos, formando 27 famílias. Essa data consta como a chegada da primeira grande leva de imigrantes que se instalariam em seus lotes previamente demarcados pela Companhia Metropolitana – empresa responsável pela implantação da Colônia Nova Veneza (DASSI, 2011). Vale ressaltar que desde 2011 comemora-se nessa data o dia da colonização italiana em Siderópolis.

E como não lembrar-me de 2011? Da oitava série⁷? No meu último ano estudando na Escola de Educação Básica Municipal Jorge Bif? Foi um ano muito especial, de crescimento e de preparação para aumentar o meu voo rumo ao Ensino Médio. Todas as emoções de estar fechando um ciclo coincidiram com um ano que esteve voltado às comemorações aos 120 anos de colonização italiana em Siderópolis. O cartaz elaborado para divulgar essa data estampava todas as portas das salas de aula, inclusive a minha. Diversas disciplinas, mas especialmente Língua Estrangeira Italiano, tiveram a responsabilidade de elaborar aulas voltadas para a valorização de nossos antepassados. Vale ressaltar que “Siderópolis é o segundo município do Estado de Santa Catarina que possui o ensino da Língua e da Cultura Italiana em seu currículo escolar” (WARMLING et al., 2012, p. 30).

Imagem 3 – Logotipo oficial em comemoração aos 120 anos de colonização italiana em Siderópolis



Fonte: <https://sideropolis.wordpress.com/2011/04/29/logo-120-anos/>

⁷ No ano seguinte, a escola já estava adequada ao Ensino Fundamental de 9 anos, sendo então, a 8ª série o 9º ano em 2012.

No último ano do Ensino Fundamental – e agora no último ano de Ensino Superior – minhas atenções se voltam para o meu pequeno pedaço de mundo. Quem diria que esses retornos às minhas origens seriam tão valiosos. Com meus 14 anos, minha relação com esse assunto ainda era rasa, contudo, contribuiu para que hoje, aos 21, eu me encontrasse aqui, debruçando-me entorno do ensino da cultura local também nas aulas de Artes, compreendendo o valor que esse assunto carrega.

Tradições e costumes tão ricos se espalharam por Nova Belluno. Essas, passadas de geração em geração, construindo a cultura através de um novo modo de vida. Os imigrantes trilharam pela colônia como se estivessem em casa e passaram suas heranças mais valiosas, refletindo em pessoas que souberam lidar com as adversidades sem desistir. Assim, vejo esses colonos e colonas que em 1891 “agregavam-se no seu próprio grupo étnico, cada qual com seu dialeto, sua cultura, suas tradições. O italiano se agrupou em colônias agrícolas, recriando as características de seu país de origem, que, até hoje, persistem” (WARMLING et al., 2012, p. 24).

Quero destacar que os primeiros habitantes da região que hoje é o município de Siderópolis foram povos indígenas. Warmling et al. (2012, p. 40) relatam que “os colonos europeus do século XIX invadiram as antigas áreas de caça e pesca dos Carijós e Xoklengs”⁸. Sabe-se que os imigrantes e os indígenas conviveram amigavelmente por algum tempo, mas, que a convivência poucos anos depois gerou conflitos resultando em mortes e o quase desaparecimento dessas tribos os expulsando dessa região.

Com muito trabalho, esses imigrantes cresceram e levaram junto com seu crescimento, o crescimento dessa terra. Giuseppe Scarmagnani⁹, pai de Bortolo Scarmagnani, avô de Angélica Scarmagnani, é meu tataravô materno. Ele foi um dos primeiros imigrantes a chegar à comunidade do Ex-Patrimônio, um dos bairros do município. Nono Giuseppe embarcou para o Brasil praticamente sozinho, apenas acompanhado da noiva e de sua família. Ao chegar no porto de Laguna, perdeu o trem que partia para o Rio Grande do Sul, – destino no qual ele realmente iria – sua noiva e a família partiram e suas malas foram junto com eles. Foi então, que um

⁸ Carijó: nome dado aos indígenas guarani pelos colonizadores europeus.

SANTOS, Silvio Coelho dos. **Encontros de estranhos além do “mar oceano”**. Disponível em: http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_07/N2/Vol_vii_N2_431-448.pdf Acesso em 28 nov. 2018

⁹ Giuseppe Scarmagnani é o nome que consta nos documentos, no entanto, nos livro encontramos como José Scarmagnani. Prefiro trazer o nome italiano, visto que, foi assim que o conheci.

agente da Companhia Metropolitana ajudou-o a pedido de seu amigo José Ambrósio. Esse relato, que tanto ouvi na minha infância, me invadiu ainda mais esse ano, após encontrar essa história em dois livros. Scano (1963, p. 16) diz que:

Entre os primeiros colonizadores de Belluno figurou José Scarmagnani. Era solteiro quando chegou à América. Não se sabe como, as malas do moço extraviaram-se, ficando o pobre rapaz na mais completa penúria. Tudo quanto tinha perdera-se juntamente com as malas extraviadas.

Com apenas 23 anos, tão distante do que era conhecido, juntou tudo o que tinha e como quem procura nos céu as estrelas, buscou no trabalho uma forma de se manter resistente. E com muito suor conseguiu adquirir o lote que a Companhia Metropolitana o ofereceu em troca de trabalho. Por seis meses, pode retirar do armazém da mesma, alimento necessário para sobreviver. Ficando somente com a roupa do corpo, meu tataravô trabalhou de calção para não sujar suas únicas roupas, que deveriam durar por meses, até que tivesse dinheiro para comprar outras. “O lote de Scarmagnani, graças ao trabalho incessante do moço, foi um dos que mais prosperou” (SCANO, 1963, p. 17). A resistência contida nessa história pode ser vista em tantas outras, e acredito que poucas foram diferentes. A chegada dos italianos e italianas em Siderópolis foi constituída de perdas e de sofrimento, mas também de muita luta, que se fez na coletividade.

Antes dos italianos chegarem ao Brasil, a colônia já se denominava Nova Belluno, escolhido pela Companhia Metropolitana, com o propósito de homenagear a terra da qual os imigrantes deixaram. Mas, esse nome só se manteve por 52 anos, sua primeira identidade foi coberta por poeiras do carvão e hoje Siderópolis vê as marcas em suas terras deixadas pela extração mineral, como cicatrizes em um corpo. (DASSI, 2011) aponta que dois anos após a instalação da Carbonífera Siderúrgica Nacional - CSN por decreto da lei nº. 941 o Distrito de Nova Belluno, passou a ser chamado de Distrito de Siderópolis e em 19 de dezembro de 1958, pela lei nº. 380 cria-se o município de Siderópolis. Assim como é afirmado por Warmling et al., evidenciando a base da economia antes da chegada da CSN:

Durante cinco décadas, Nova Belluno manteve-se com pequenos negócios na sede, muito trabalho na colônia, investindo no cultivo de grãos, suinocultura e agropecuária. Pela abundância do carvão do seu subsolo, o distrito toma um “novo impulso econômico” com a exploração desse mineral. Por esse motivo, a partir de 1941, com a chegada da CSN, foi muito fácil para as autoridades substituírem o nome de Nova Belluno por Siderópolis. (2012, p. 29).

A instalação da CSN na cidade mudou o cenário econômico e com a geração de novos empregos, muitas pessoas de cidades próximas e até mesmo de outros estados buscaram aqui uma vida melhor, apoiada no cotidiano da siderúrgica. Assim “a história da mineração em Siderópolis nos indica diferentes possibilidades de pensar a cidade e sua população através da cultura, da economia, das identidades, da diversidade” (ZUCHINALLI, 2016, p. 149), tendo em vista que, uma parte desses novos moradores trabalharam em construções referentes à CSN e também nas minas de carvão por um determinado tempo e retornaram para suas cidades. Mas, muitos outros permaneceram no município, ocupando um espaço fundamental na história, pois contribuíram com o desenvolvimento e mudaram a identidade cultural de Siderópolis, já que estes não eram de descendência italiana e sim, em grande maioria, afrodescendentes, e estes traçaram seus caminhos no município, como afirma Zuchinalli: “Os afrodescendentes que vieram trabalhar na CSN em Siderópolis, [...] foram forte presença na mão de obra das mineradoras, tiveram suas experiências vividas naquela sociedade nos diferentes espaços [...] contribuindo para a construção histórica da cidade” (2016, p. 150). Foram figuras importantes nessa trajetória, iniciaram no trabalho na mineração, mas se firmaram aqui em diversos aspectos, permanecendo até hoje e não devem ser esquecidos e apagados da história de Siderópolis.

Grande parte das características culturais que encontramos hoje, se deu com a dinâmica desse período carbonífero, construções e marcas no ambiente foram deixadas, mas o seu reconhecimento é importante para que se valorizem “as múltiplas identidades e manifestações culturais, que compõem Siderópolis, sem a preocupação de classificação infundada e desnecessária de qual foi a mais importante para a cidade” (DE BONA; ROGRIGUES, 2017, p. 34), visto que, a trajetória de Siderópolis é formada por povos indígenas, italianos, afrodescendentes e de todas as demais etnias que encontramos aqui, gerando assim, novas significações para as memórias coletivas. O recorte do período carbonífero no histórico do município vem para reafirmar que nossos antepassados trilharam caminhos importantes, onde cada grupo revelou ser fundamental para o desenvolvimento e para a cultura local durante esses 127 anos.

Afirmam De Bona e Rodrigues (2017, p. 7) referindo-se ao município: “Impulsionado pela economia e cultura gerada pelo carvão, Siderópolis começou a ganhar novos traços em sua arquitetura e a receber novas tradições e costumes em

sua identidade cultural”. Já no início da década de 90 a Companhia Siderúrgica Nacional se retirou do município deixando suas marcas no meio ambiente e também na memória na população, tanto dos italianos, como também nos novos moradores do município, reafirmando que “todas essas mudanças na cidade geram uma nova condição para ela, uma nova condição cultural, mudando também o perfil da cidade, que de pequena colônia passa a ser vista como uma importante cidade na história da indústria carbonífera” (ZUCHINALLI, 2016, p. 146). A herança desse tempo, juntou-se com aquelas do período da imigração e estão presentes até hoje no cotidiano dos sideropolitanos.

4 ENRAIZAR: O QUE REVELA SIDERÓPOLIS?

No início Nova Belluno
Trazendo um pouco da Itália
Deixaram marcas profundas
E uma história que marcha
[...] E a querida Siderópolis
Prossegue com tradição
Na fé e na cultura bendiz:
Também orgulho a nação!

(Maria Lurdete, 2011)¹⁰

No intuito de reconhecer a cultura de Siderópolis me demorei ao olhar o entorno e perceber quais aspectos que compõem o meu município e os sujeitos que aqui moram – cultural e historicamente – visto que, ainda pouco se fala sobre a cultura e tão pouco é valorizada como deveria. Desse modo, segui meu caminho pesquisando quais são os bens culturais de Siderópolis, resgatando suas histórias e os significados que os mesmos têm para a comunidade.

“Toda cidade tem uma história, que está presente na cultura de um povo. Identificar o patrimônio de sua cidade é identificar-se com sua história e gerar uma relação de pertencimento com o lugar em que vive” (SÜSSENBACH; GAVAERD, 2012, p. 53). Dito isso, ressalto que se faz necessária a preservação de objetos, costumes, memórias, para que nós que vivemos no hoje, possamos entender que todo o patrimônio, seja ele material ou imaterial, nos constitui enquanto membros de uma sociedade, e é através deste resgate, reconhecendo-os, que a valorização pode se efetivar. Ataídes, Machado e Souza afirmam que:

Se não há preservação, ocorre a perda da identidade cultural o que significa o fim de um povo. A força, a criatividade, o orgulho e a consciência de uma sociedade mantém viva a sua cultura, sua identidade, aquilo que a faz exatamente o que ela é. (1997, p. 26)

Na construção de uma cidade, marcas são deixadas, costumes são efetivados, tradições se estabelecem, saberes se adquirem. Nessa dinâmica, a cultura se constrói, e tudo o que é intrínseco a um povo faz parte de sua identidade. Através dessas heranças e marcas que são reconhecidas no momento em que

¹⁰ Maria Lurdete da Boit Bez Birolo, 64 anos, professora e escritora em Siderópolis/SC.

resgatamos o passado é que podemos contar sua história, e igualmente, um povo sem memórias perde seus valores e significados.

Assim posto, concordo com Tognon ao dizer que: “os bens culturais são os mais importantes resultados históricos da cultura humana na constituição do seu território” (2003, p. 163) afinal, os patrimônios são os vestígios deixados durante o cotidiano do passado, e que quando preservado, nos permite olhar para trás e compreendê-lo melhor. Além disso, eles podem ser divididos em três categorias, de acordo com Tomaz:

[...] a primeira engloba os elementos pertencentes à natureza, ao meio ambiente; a segunda refere-se ao conhecimento, às técnicas, ao saber e ao saber-fazer; e a terceira trata mais objetivamente do patrimônio histórico, que reúne em si toda a sorte de coisas, artefatos e construções resultantes da relação entre o homem e o meio ambiente e do saber-fazer humano, ou seja, tudo aquilo que é produzido pelo homem ao transformar os elementos da natureza, adequando-os ao seu bem-estar. (2010, p. 3).

Os patrimônios ligam a sociedade do presente com a do passado, e nessa relação agregam-se valores históricos e emocionais, pois os conhecimentos são compartilhados, as memórias coletivas atestam esses bens. Neckel, Oliveira e Bueno completam dizendo que “o conceito de patrimônio sugere os bens herdados das gerações passadas às atuais, sendo um conjunto de valores, hábitos e práticas que determina um repasse do passado ao presente” (2012, p. 169). Podemos então, considerar os patrimônios culturais como heranças de nossos antepassados, eles nos pertencem, mas também os significamos, podendo até mesmo agregar novas funções e valores de acordo com os nossos contextos.

Quando falamos de patrimônio, devemos ter em mente a diversidade desse conceito “pois pode referir-se ao patrimônio econômico, cultural, artístico, histórico, entre outros, e também ao patrimônio cultural, tanto material quanto imaterial, haja vista que um não estar isolado do outro” (VICENZI; SILVA, 2012, p. 120). Atualmente, o conceito de patrimônio compreende e engloba várias outras manifestações da cultura local, e também é afirmado por Tomaz: “o termo *patrimônio histórico*, cujo conceito focava o monumento, a materialidade, aos poucos vem sendo substituído por um termo mais amplo, mais abrangente, o chamado *patrimônio cultural*, entendido como o conjunto dos bens culturais” (2010, p. 7), desse modo, a paisagem, a arte, a dança, a gastronomia, e tantas outras especificidades passaram a ser mais valorizadas, ao entendê-las também como

patrimônio cultural. Ao tratar dos patrimônios materiais e imateriais, os encontramos definidos no site do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN):

Os bens tombados de natureza material podem ser imóveis como as cidades históricas, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; ou móveis, como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos.¹¹

As construções das cidades contam histórias, as formas com que são feitas revelam costumes e tradições. Os objetos nos transportam ao passado, nos ajudam a entender como a população vivia e justificam nossos modos de vida do presente, a natureza também define a cultura local, enquanto:

Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas).¹²

Os modos com que aprendemos a nos comunicar com o mundo moldam nossas crenças, manifestações artísticas, conhecimentos e, de forma geral, a nossa cultura em si. O patrimônio imaterial está presente nessas especificidades, entre as famílias, entre as festas religiosas, entre as músicas.

A conexão entre presente e passado – onde a memória está sempre ativada, busca-se explorar as marcas deixadas, nos direcionando a um campo onde se dá evidência ao que está esquecido até o dado momento. Assumir a relação entre esses dois tempos cria um novo espaço ao apontar a cultura e a história. Sendo assim, podemos atribuir aos patrimônios sentimentos de pertencimentos, por que sejam eles “edificados ou não assumem importantes significados por fazerem parte da memória coletiva de determinado grupo, pois refletem a memória de um passado comum e de uma identidade social que faz com que o grupo se sinta parte daquele lugar”. (RODRIGUES, 2016, p. 28).

O catolicismo, por exemplo, é muito presente no município. As tradições religiosas que aqui encontramos foram iniciadas pelos primeiros imigrantes italianos, segundo Warmling et al. “cada um trouxe na bagagem suas imagens e seus quadros

¹¹ Dados disponíveis em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/276> Acesso em: 19 set. 2018

¹² Dados disponíveis em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234> Acesso em: 19 set. 2018.

de santos, que durante a viagem de navio eram expostos e venerados, os rosários eram usados constantemente para reza do terço” (2012, p. 169) e toda a sua forma de manifestar a fé, com toda a devoção foi ensinada de geração em geração. Dessa forma, hoje, Siderópolis recebe em seus santuários, igrejas e grutas muitos fiéis em festividades católicas e celebrações. Além dos visitantes, que se encantam por esses espaços mesmo com tradições religiosas distintas.

Encontramos no bairro Vila São Jorge, inaugurado em 2012, uma imagem de Nossa Senhora de Fátima, acima de um santuário, “o monumento mede 28 metros, sendo que somente a imagem mede 21,5 metros” (WARMLING et al., 2012, p. 191), a dimensão dessa obra chama atenção das pessoas que transitam pelo local. Idealizada e patrocinada pela família Salvaro com ajuda da Associação de Moradores, esse santuário veio como forma de manter viva a memória de Olívia Ronchi Salvaro¹³. Como afirmam seus filhos, a mesma sempre sonhou em ver uma imagem de Nossa Senhora naquele morro. O local recebe cerca de mil visitantes por mês – passando por um caminho de 370 metros, com curvas e rodeado de flores, arbustos e árvores – como consta no livro de assinaturas encontrado dentro do santuário.

Imagem 4 – Santuário Nossa Senhora de Fátima



Fonte: Acervo da pesquisadora

¹³ Seu marido, Armelindo Salvaro, é primo do meu avô materno, Bellino Luiz Salvaro.

Referente à escultura, segundo entrevista ao Gazeta Popular (04/12), o artista Osvaldo Zanini aponta que: “O processo de pesquisa para a imagem foi longo. O desenho é levemente estilizado, o que confere um caráter de originalidade a obra”. Um dos detalhes mais singulares da escultura, a coroa, foi a última parte encaixada com o guindaste: “O escultor dividiu a obra em sete pedaços. Valendo-se de uma técnica própria [...] os vidros da coroa são venezianos, retirados de uma capela demolida” (MAGAGNIN, 2011, p. 5). O santuário, aos pés de Nossa Senhora, foi construído tijolo a tijolo pelo meu pai Gildo Locatelli e meu tio Agenor Locatelli.

É um lugar de memórias, onde a coletividade local sonhou junto com os idealizadores. Os católicos sabem da força e da espiritualidade que o santuário proporciona, mas ele é igualmente potente mesmo para as pessoas de outras crenças. Toda a história que envolve esse morro pode tocar o sensível, principalmente aos que sobem e tem a oportunidade de sentir a imensidão ao olhar a paisagem lá do alto.

Imagem 5 – Escultura do Santuário Nossa Senhora de Fátima



Fonte: Acervo da pesquisadora

Uma das primeiras edificações para manifestação da fé cristã, construída ainda no período da colônia Nova Belluno, foi a Capela Santa Ana, em 1897, feita de madeira pelos primeiros imigrantes italianos. A Capela abrigou a primeira imagem da Santa que chegou ao município. Em 1928, ela encontrava-se em péssimo estado, a comunidade se viu destinada a reformá-la. Então um mutirão organizou-se nesse mesmo ano, e iniciou a reconstrução, só que desta vez, em alvenaria, até que “Em 4 de junho de 1997 a Capela Santa Ana passa a ser Patrimônio Histórico e Arquitetônico do município de Siderópolis, de acordo com o Decreto nº 1.835” (WARMLING et al., 2012, p. 182).

Sua localização, no bairro Rio Albina, na Rodovia Padre Herval Fontanella logo em frente à estrada, possibilita a visibilidade de muitas pessoas que transitam de carro. Eu mesma me deparei com ela algumas vezes e depois de reconhecê-la como patrimônio municipal, me despertou ainda mais forte o anseio em visitá-la. Entretanto, como a capela permanece fechada, e celebrações não são mais realizadas na mesma, os visitantes que desejam entrar devem solicitar a chave com os moradores do entorno.

Imagem 6 – Capela Santa Ana



Fonte: Acervo da pesquisadora

Do lado de fora, podemos encontrar uma placa em bronze com os dados citados acima e com a seguinte escritura em italiano “*Vi lasciamo tutto quello che abbiamo portato con noi: la Fede e la Speranza. Gli immigranti*”¹⁴. Seu interior é um espaço que evoca histórias e memórias, contemplando retratos de famílias que ajudaram na construção e vivem até hoje na comunidade, casamentos realizados na capela, padres e freiras que a visitaram e fotos da igreja em outras épocas. Todas essas fotografias são acompanhadas por legendas e também encontramos um mural com os nomes e sobrenomes dos primeiros imigrantes. Seu tamanho é consideravelmente pequeno, os vitrais alemães que refletem no chão ao sol da tarde colore a capela toda refletindo a identidade local. Sua arquitetura, seu exterior e todos os seus detalhes contam sobre os moradores dessa comunidade.

Imagem 7 – Interior da Capela Santa Ana



Fonte: Acervo da pesquisadora

As belezas naturais levam muitos visitantes a Siderópolis e também reúnem nossos moradores. Estar em contato com a natureza faz parte do cotidiano

¹⁴ Deixamos tudo o que trouxemos conosco: fé e esperança. Imigrantes. MEA, Giuseppe. **Dicionário de italiano-português**. 2.ed. Porto: Porto Editora, 2000. (Dicionários Editora).

dos sideropolitanos, daqueles que trabalham na agricultura, ou daqueles que a buscam em forma de lazer; sabemos que muitas vezes somos lembrados pelos recursos naturais do nosso território.

Principalmente durante os domingos mais quentes, é costume buscar um momento junto à família e amigos, fazendo churrascos e piqueniques cercados pela beleza natural do interior. São momentos de tranquilidade misturados com diversão e muito verde ao redor. Entre esses destinos, destaco a “Cachoeira Bianchini, localizada em Jordão Médio a 7 km do Centro de Siderópolis, cuja água fresca e cristalina cai aproximadamente 12 metros de altura”. (WARMLING et al., 2012, p. 293). A queda d’água forma uma piscina natural, rodeada pelas árvores, longe da estrada, parece um refúgio a tudo o que há de ruim.

Imagem 8 – Cachoeira do Bianchini



Fonte: <https://turismo.sideropolis.sc.gov.br//equipamento/index/codEquipamento/12450>

Percebi ao longo da pesquisa o apreço que os moradores de Siderópolis têm pela natureza, há um reconhecimento de que estamos em uma região privilegiada em relação aos municípios vizinhos. Também incluo aqui a Represa Egídio Amboni, ou popularmente conhecida como barragem do Rio São Bento, uma

grande obra realizada pela Casan¹⁵ como um espaço a ser reconhecido, tanto pela importância diante do fornecimento de água a demais municípios, sendo eles: Criciúma, Siderópolis, Forquilha, Maracajá, Içara e Nova Veneza¹⁶, mas principalmente por estarem mergulhadas naquelas águas, histórias de vida, memórias de um momento outro, vivenciadas pelos antigos moradores do bairro São Pedro, as quais poderiam ser reconhecidas como patrimônio cultural imaterial de Siderópolis, além de toda a riqueza ambiental ao seu redor protegida pela Reserva Biológica Estadual do Aguai.

Imagem 9 – Represa Egídio Amboni



Fonte: <http://photos1.blogger.com/blogger/1983/1707/1600/barragem800.jpg>

Os descendentes dos primeiros imigrantes italianos sempre mantiveram viva a cultura dos mesmos em muitos aspectos, como na religião, na música, nos almoços de domingo na casa dos nonos, no idioma e em tantos outros costumes. Então, buscou-se em 1966 – comemorando o 75º ano de colonização – uma forma de homenagear as primeiras famílias que chegaram a essa terra para que não se perca da memória a herança desse povo.

¹⁵ Companhia Catarinense de Águas e Saneamento

¹⁶ Dados disponíveis em: <https://www.casan.com.br/noticia/index/url/obra-resgata-historia-de-familias-realocadas-para-construcao-da-barragem-do-rio-sao-bento#194> Acesso em: 29 out. 2018

Para isso, construíram o Monumento ao Imigrante, localizada na Avenida Dom Luiz Orioni, pelo prefeito da época, que consiste em uma pedra alta de aproximadamente 25 toneladas, onde foram incrustadas cinco placas de bronze. Um monumento que evoca o passado, permitindo um refletir sobre o que passou e segundo Le Goff (2013, p. 486): “o verbo *monere* significa “fazer recordar” [...] o monumento tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas”.

Na primeira placa encontramos sobrenomes das famílias colonizadoras, organizados de tal modo que forma um acróstico com a frase: nascemos na Itália e amamos esta terra querida. Em outra placa de bronze no mesmo monumento, encontramos em alto relevo uma representação da primeira família italiana a chegar a Nova Belluno, contendo sete adultos e duas crianças. Essa produção é a mesma presente no cartaz em comemoração aos 120 anos da colonização italiana em Siderópolis. Dassi (2011, p. 54) ainda nos informa que: “Esta obra, produzida em 1966 é uma criação do renomado escultor Vasco Prado após insistentes pedidos do então prefeito Jorge Bif”.

Imagem 10 – Monumento ao Imigrante.



Fonte: Acervo da pesquisadora

Ligado diretamente ao período carbonífero no município, encontramos no município “o Conjunto Arquitetônico idealizado pela Companhia Siderúrgica Nacional - CSN, o Túnel da Ferrovia Tereza Cristina e a Paisagem de entorno do ‘Lago-Azul’” (DE BONA; RODRIGUES, 2017, p. 3), dentre esses, evidencio o túnel localizado entre os bairros Santa Luzia e Ex-patrimônio, com data de construção incerta por falta de localização documentos, mas exibe em uma das entradas o ano de 1944 gravado com concreto em alto relevo. Ele foi construído “para desenvolverem uma linha ferroviária que ligasse a localidade às regiões vizinhas, essa ferrovia foi chamada de Ferrovia Dona Tereza Cristina – FDTC, foi construído pela companhia Socimbra¹⁷, uma companhia que trouxe trabalhadores de várias localidades” (POSSOLI, 2008, p. 23).

Imagem 11 – Entrada do Túnel da Ferrovia Tereza Cristina



Fonte: Acervo da pesquisadora

¹⁷ Sociedade Construtora e Importadora Brasília Ltda.

Esse patrimônio cultural é importantíssimo não só para a história de Siderópolis, mas também para todo o histórico do carvão no sul do Brasil, visto que a contratação de mão-de-obra atraiu novos moradores, iniciando a nova fase no município com o início da exploração de carvão, além disso, “medindo 388,45 metros de extensão o túnel ainda faz parte da paisagem do município, e se tornou atração turística, por ser a única passagem subterrânea em toda ferrovia”. (RODRIGUES, 2016, p. 20).

Imagem 12 – Saída do Túnel da Ferrovia Tereza Cristina



Fonte: Acervo da pesquisadora

Essa construção foi e ainda é muito lembrada pela comunidade local justamente pela chegada desses trabalhadores. Zuchinalli (2016, p. 158) afirma que: “Analisando a quantidade de registros de afrodescendentes ao longo desses 16 anos o maior número é de 106 registros no ano de 1944, ano de inauguração do túnel”, sendo que muitos permaneceram no município e transformaram a identidade

cultural, seguindo do avanço econômico proporcionado, como afirma De Bona e Rodrigues:

O túnel representa um ícone do transporte do carvão e da ideia de progresso, modernidade e desenvolvimento econômico que foi amplamente difundida nas décadas da exploração do minério. Muito além da imponente construção e seus traços arquitetônicos que, sem sombra de dúvidas, representam um importante bem cultural material do município, o túnel também teve o “poder” de mexer com o imaginário popular, inspirando o surgimento de várias lendas igualmente valiosas. (2017, p. 24).

Pode-se afirmar, então, que o túnel é referência entre os patrimônios culturais de Siderópolis por ser um espaço que suscitou a criação de lendas, as quais permanecem até hoje na memória coletiva. As histórias mais contadas sobre este patrimônio têm como personagens principais os próprios trabalhadores. Rodrigues relata que “pessoas iam chegando de vários lugares procurando emprego e iam ficando. Pessoas de todo tipo e raça. Isso deixava os moradores de Belluno com muito medo, pois aos sábados desciam para o pequeno centro, bebiam e brigavam” (2001, p. 24). No ano de 1944, Siderópolis ainda era uma pequena vila onde provavelmente todos se conheciam, o medo é justificável, mas revela-se certo preconceito diante destes que vieram em busca de uma vida melhor, talvez por tirarem um pouco da tranquilidade da vida pacata da época, talvez por serem em sua maioria, negros.

A construção do túnel resultou em morte de dois operários. Em entrevista, Alberto Brunel¹⁸, relata que foram “388,45 metros escavados e escorados com madeira e a precariedade tecnológica da época aliado, segundo ele, ao pouco conhecimento de alguns capatazes, causou um acidente onde morreram duas pessoas” (RODRIGUES, 2001, p. 25). Assim, uma das lendas contam que as almas dos trabalhadores aparecem nos arredores do túnel assombrando os visitantes.

Se perguntar a qualquer criança, a história que eles mais gostam é a da foto de um homem sem cabeça, que foi tirada no local. O homem seria uma alma viva daqueles que morreram nos arredores do túnel. Sangue era visto, ao invés da água que corre continuamente em meio às pedras de cimento. Os únicos que se aproveitam dessas histórias são os marginais e viciados que usam o local para passar a noite usando drogas. (TRIBUNA DO DIA; 28/08/01; 05 apud RODRIGUES, 2001, p. 25).

¹⁸ Natural de Tubarão chegou a Siderópolis com intuito de trabalhar na construção do túnel e permaneceu aqui. Brunel faleceu em 2008 e sempre foi referência quando se tratava do túnel, visto que era o operário mais antigo e ainda vivo.

Outras lendas envolvem relatos de indígenas que viviam nos arredores do túnel, e assim como é visível o preconceito contra os operários, também podemos perceber sobre os índios. Ainda de acordo com Tribuna do Dia (28/08/01; 05 apud RODRIGUES, 2001, p. 25): “As lendas mais narradas são dos índios que morreram durante a construção do túnel. Eles viviam no alto do morro, na mata virgem e foram assassinados pelos mal encarados”. As representações dessas histórias locais mantiveram os moradores desconhecidos aos olhos dos italianos sempre em posição de inferioridade, ora o negro, ora o índio, contudo, ressaltando a importância dessa população para a formação da identidade cultural diversificada e para o crescimento do município.

Essa é apenas uma de tantas outras edificações resultantes das atividades carboníferas que encontramos pelo município de Siderópolis. O túnel é um espaço de memórias para muitos moradores, principalmente aqueles que tiveram a oportunidade de conhecer alguém que trabalhou na construção. As histórias populares que têm como cenário o túnel envolvem lendas sobre fantasmas, luzes que pareciam mover-se do outro lado, almas que aparecem na escuridão e tantas que permanecem até hoje no imaginário dos sideropolitanos e mantêm viva as histórias locais, promovendo a valorização desse lugar carregado de sentidos.

Ao me debruçar sobre os patrimônios abordados acima, foi possível notar quais características fazem parte da identidade dos sideropolitanos. Por vezes, os bens culturais do município não são reconhecidos, contudo, acredito que um novo olhar que resultará em sua valorização está se formando entre a comunidade. Devemos ter consciência de que somos construtores de nossa identidade histórica e cultural, e aguçar nossos olhares para esses e tantos outros patrimônios culturais, mantêm viva nossas memórias e só assim, seremos capazes de resignificá-las.

5 A CULTURA LOCAL: ENTRE ESCOLAS, IMAGENS E OLHARES

Na vivência desafiadora do "agora",
percebemos a velocidade com que se torna "passado" e,
as imagens que ainda teimam na volta ao "presente"
não perdem a esperança no "futuro",
porque não houve despedida...

(Maria Lurdete, 2017)

Parto da convicção de que, ao tratar de uma pesquisa no campo do ensino da arte, as imagens ganham um papel ainda mais importante, afinal, podemos interpretá-las e apontar dados que elas revelam, são objetos de estudo, já que narram histórias. Aqui, as imagens inserem-se no contexto da educação, especificamente dentro de escolas e são, em sua maioria, desenhos resultantes de temas desenvolvidos em aula. Esta pesquisa buscou investigar o maior número de imagens, mas evidencio aquelas que abordam a cultura local e, mais fortemente ainda, se essas produções venham a ser desenvolvidas na disciplina de Artes.

Portanto, no intuito de investigar a cultura local nas aulas de Artes das escolas de Siderópolis/SC, dei o meu primeiro passo buscando reconhecer os campos de pesquisa. Então, escolhi três escolas, e informalmente me apresentei e perguntei se teria autorização para visitar o interior da mesma. Em todas fui bem recebida e pude observar as imagens expostas em suas paredes, como consta no meu objetivo geral. Este primeiro passo me possibilitou ampliar as concepções sobre a minha própria pesquisa e contribuiu para a elaboração de um roteiro, com as seguintes perguntas: 'A escola apresenta imagens coladas nas suas paredes? Onde? Em que lugares elas mais aparecem? Entre essas imagens, encontramos produções dos alunos ou apenas cartazes e recados? Podemos considerá-las com representações da cultura local? E/Ou de outras culturas? Quais outras culturas podemos identificar? Quais aspectos e características culturais do município de Siderópolis estiveram presentes nessas imagens?'. Também fez parte deste momento da pesquisa várias visitas à Prefeitura Municipal e contatos informais com estudiosos do município que contribuíram com suas escritas sobre Siderópolis.

Depois de alguns dias, com um olhar mais específico, retornei a essas mesmas escolas com uma apresentação formal e roteiro estruturado e me imergi na pesquisa de campo. Os campos de pesquisa, como já estão postos, são três escolas

– uma Estadual, uma Municipal e outra da rede particular, ambas localizadas em Siderópolis. Vou chamá-las de ‘Escola A’, ‘Escola B’ e ‘Escola C’.

Desde a primeira imagem observada, senti o anseio e a necessidade de fotografar, para ter a oportunidade de me demorar nos detalhes que poderiam passar despercebidos. Em seguida, sentei-me em lugares calmos para responder minhas questões expostas no roteiro. Assim aconteceu nas três escolas, se não fosse por um recreio, no qual decidi esperar o seu término para voltar a minha atividade, já que os alunos com olhares curiosos e lanchando por todo o pátio, tiraram um pouco da minha atenção e não queria ter que pedir para saírem de seus lugares, a fim de fotografar as produções.

Afirma Eça (2013, p. 77): “Imagens fotográficas e desenhos são fontes potenciais de dados, quer pela sua capacidade de ampliar e despoletar interpretações orais ou escritas, quer como documento para ser analisado”, assim, o ato de analisar as imagens percorre por caminhos onde muitas realidades revelam-se. Um desenho é parte de um todo, de um contexto e a partir dele o autor demonstra desejos, pensamentos, acontecimentos, esperanças: “as imagens que criamos se relacionam com outros textos culturais. As imagens não surgem do nada e proporcionam associações infinitas de formas e de significados” (EÇA, 2013, p. 78). Mas também, a sua análise manifesta o olhar do próprio investigador que interpreta a partir de seu próprio contexto e experiências.

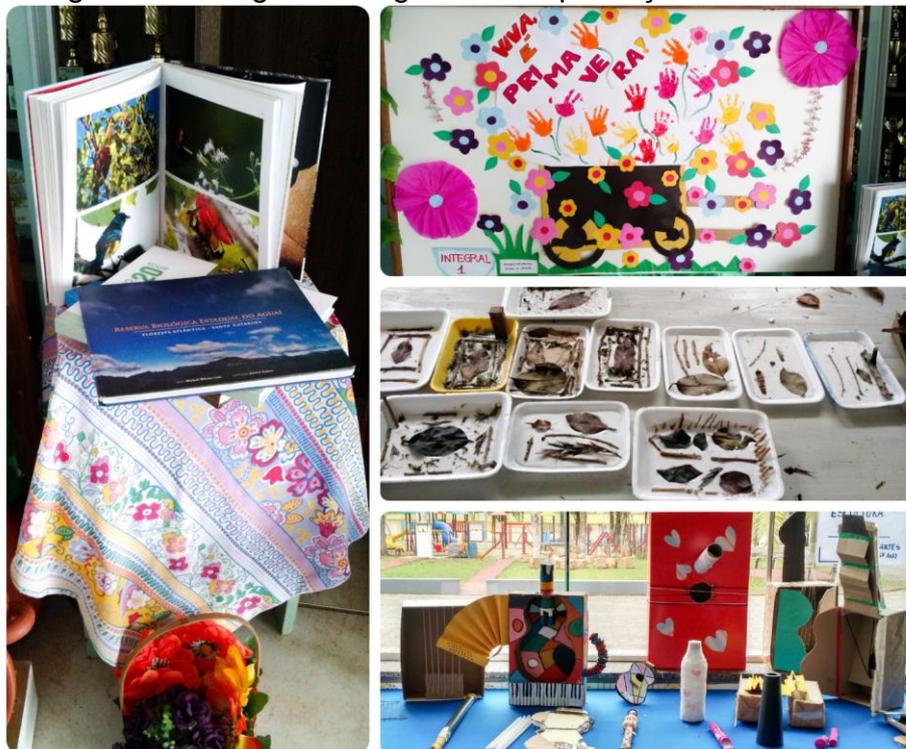
Iniciando a pesquisa na Escola A, a primeira imagem que me chamou atenção estava na entrada da escola, um local onde até mesmo quem olhava de fora poderia ver. Consistia em flores coloridas saindo de um carrinho de mão, e mãozinhas carimbadas com guache, um jardim em forma de papel. Ao lado, uma mesa com um livro da Reserva Biológica Estadual do Aguai¹⁹, e outro aberto especificamente em páginas onde há fotografias de pássaros e flores, com a frase: “Viva, é primavera!”. O meio ambiente aqui lembrado com a chegada da primavera demonstra que a escola também valoriza o contato com a natureza, que é abundante no município, como afirmam Warmling et al. (2012, p. 67) “Considerando os pequenos bosques, Costão da Serra e a Reserva Biológica Estadual do Aguai,

¹⁹ Criada em 1983, a unidade de conservação estadual abrange quatro municípios: Morro Grande, Nova Veneza, Siderópolis e Treviso. Disponível em: <http://www.fatma.sc.gov.br/conteudo/reserva-biologica-estadual-do-aguai> Acesso em: 20 out. 2018.

podemos dizer que temos quantidade significativa de vegetação nativa em nosso município”.

Este mural, resultado de atividades com a educação infantil, demonstra com o livro exposto que reconhecer a natureza local é essencial desde a infância, buscando articular o contato com a mesma e o seu reconhecimento, indo ao encontro de uma preocupação com a preservação da natureza, propondo espaços para a sensibilização gerando novos tratamentos com o meio ambiente – provavelmente depois de identificar os recursos naturais da região e a sua importância.

Imagem 13 – Registro fotográfico das produções da Escola A



Fonte: Acervo da pesquisadora

Dentro da escola, mais especificamente no corredor central, uma bancada foi organizada com chocalhos feitos com garrafas *pet* e papel colorido. No único cartaz indicativo encontramos “MARACÁ, instrumento musical indígena”. Explorando um pouco mais os materiais utilizados, entre as garrafas pequenas comuns, também foram usadas garrafas que ilustram personagens comuns no cenário infantil, que surgem através da cultura midiática, e apontam para possivelmente, serem trabalhos de uma turma entre Educação Infantil e Ensino Fundamental I. Dentro das garrafas transparentes, vemos grãos de feijão, arroz e milho, onde poderíamos ver terra,

pedra e qualquer outra semente. A escolha sobre os materiais sugere que algo foi pensado/discutido/conversado sobre o município no decorrer das aulas, evidenciando que Siderópolis é destaque na agricultura, sendo reconhecido pelo Censo Agropecuário do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística como o terceiro maior produtor de cana-de-açúcar forrageira em Santa Catarina, produzindo 1.446,150 toneladas por ano, além de colher 8.652,180 toneladas de milho forrageiro e 4.331,330 de banana²⁰. Esses alimentos, inclusive, estão presentes nos cardápios das escolas municipais e em todo o cotidiano do município.

Além disso, é importante localizar a cultura indígena sendo desenvolvida desde as turmas dos pequenos da escola, sabendo que eles, os índios, estiveram aqui muito antes da chegada dos europeus e fazem parte da nossa história, e assim, defendo que devem ser lembrados com o respeito necessário. Essa observação vem ao encontro da determinação legal para o ensino da arte, na LDB n. 9.394/96, Art. 26-A, alterada pela Lei nº 11.645, de 2008, garantindo a obrigatoriedade do estudo dos povos indígenas em seu § 2º: “Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras”.

Outras três produções dos estudantes, em cartazes distintos, mostram atividades desenvolvidas com a educação infantil e o ensino fundamental. Um deles representava, por meio de desenhos, alguns temas relacionados a livros lidos pela turma. Os outros dois – sobre meio de transporte e sobre o dia da árvore – foram elaborados por meio do uso de recortes em revistas e colagens. Logo ao lado, expostos sobre uma mesa, são apresentados instrumentos musicais com materiais alternativos, esses afirmados no cartaz que foram desenvolvidos na disciplina de Artes com o Ensino Fundamental; na mesma mesa, vemos esculturas cubistas, também com materiais alternativos e resultantes das aulas de Artes. Em todas elas, dificilmente conseguiríamos identificar algo característico do município ao ponto de afirmar que as aulas tiveram entre seus conteúdos a cultura local, o mesmo se aplica às produções referentes às aulas de Artes.

²⁰ Informações disponíveis em: https://censoagro2017.ibge.gov.br/templates/censo_agro/resultadosagro/agricultura.html Acesso em: 25 out. 2018.

Por toda a escola também vemos retratos de ex-diretores, frases católicas e um mural com fotos da escola em diferentes momentos históricos. Uma análise dessas imagens, no que se refere à cultura, reforça o orgulho que se têm pela memória e pela herança deixadas pelos antepassados italianos. A escolha de evidenciar essas fotos, especialmente localizadas no corredor central, demonstra que a escola busca promover a conservação das tradições religiosas, bem como as personalidades importantes que firmaram uma grande parte de suas vidas nessa mesma perspectiva. Sobre isso, Almeida afirma que: “O conhecimento do passado é essencial à formação da identidade, à percepção de si e dos outros” (2015, p. 84).

Imagem 14 – Registro fotográfico das imagens presentes na Escola A



Fonte: Acervo da pesquisadora

Como foi explorado anteriormente, o catolicismo é afirmado através de espaços religiosos, como a Capela Santa Ana e o Santuário Nossa Senhora de Fátima, patrimônios culturais do município. Além disso, a comunidade se orgulha da Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida, onde se localizam pinturas que poderiam vir a ser exploradas nas aulas de Artes. Warmling et al. afirmam: “logo abaixo do vitral, foi desenhado um grande painel [...] o qual foi pintado pelo artista dessa terra, Nilton José Figueiredo (Mudinho), e que retrata a “Pesca Milagrosa”. O artista também pintou a “Via Sacra” nas paredes externas na igreja” (2012, p. 181). Dessa vez, as

imagens analisadas não são necessariamente produções de alunos, contudo, são igualmente potentes ao dizer sobre a valorização da cultura local, ou a falta dela.

Na sala de Artes – o último ambiente percorrido por mim – encontrei bandejas de isopor como suporte e folhas e gravetos secos como material. Aparentemente o trabalho estava em desenvolvimento e mais uma vez, podemos apontar a natureza em foco nas aulas. Esse momento de observação me levou a traçar algumas aproximações com a *Land Art*, e com os patrimônios naturais do município, mas, primeiramente ressalto que a educação ambiental como uma possibilidade de estudos, conforme o Art. 2º da Lei nº 9.795/99 “[...] é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal”. Ao produzir arte com elementos da natureza, a disciplina de Artes das escolas presentes no município, podem se apropriar dos patrimônios naturais de Siderópolis, como a Cachoeira Bianchini ou a Barragem do Rio São Bento; evidenciando esses ambientes criam-se espaços para ampliar as relações dos alunos com a comunidade.

Sobre a Escola B, a primeira imagem que encontro no corredor central consiste em um cartaz com a seguinte frase: “Gratidão é a memória do coração”, nele, vemos fotos da escola antes e depois de uma reforma. Mais a frente, ainda na parede, um imenso cartaz é exposto com fotos das famílias dos alunos, no centro um cordão com corações e acima, a frase “Onde tem amor tem família”.

Imagem 15 – Registro fotográfico das imagens na Escola B



Fonte: Acervo da pesquisadora

Observando a falta de qualquer identificação e considerando o tamanho do segundo cartaz, bem como as fotografias nele expostas, é possível pensar que esses dois cartazes provavelmente não foram confeccionados em uma turma específica, contudo, sua presença nos conta sobre a escola e as pessoas que a frequentam. Esses cartazes sugerem que são pessoas gratas pelo trabalho, expondo o avanço sobre a estrutura da escola com as reformas realizadas, e também com grande apreço pela família. E trago Le Goff afirmando que: “A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro”. (2013, p. 437). Assim como vimos um santuário construído em memória de uma mãe, ou um monumento valorizando os imigrantes, aqui encontramos a memória ativada e uma homenagem à família.

Imagem 16 – Registro fotográfico das produções na Escola B



Fonte: Acervo da pesquisadora

Apropriando-se da ideia de que Siderópolis tem seu histórico marcado pelo trabalho, e por pessoas que se firmaram na região ao construírem famílias aqui, podemos indicar que as crianças que participaram desses cartazes, ou que ao passarem pelo corredor se identificam nas fotos, demonstra que a escola promove um espaço onde esses valores são fortalecidos, conversando com a identidade local, visto que “a construção do eu, o processo subjetivo de constituição identitária, apresenta-se como uma constituição complexa, dinâmica, histórica, isto é, uma construção cultural. Reside na capacidade humana de se fazer como agente de e na

cultura” (COELHO, 2010, p. 105), sendo assim, aspectos culturais são perpetuados nas fotografias apresentadas nas paredes das escolas, com o objetivo de que a criança construa seu reconhecimento como sujeito apropriando-se dessas imagens.

Seguindo no mesmo corredor, vemos um mural sobre o feijão. Nele, podemos identificar fotos de aulas onde as crianças e professoras com toucas na cabeça manuseiam o alimento, fotos de tipos de feijão e informações nutricionais sobre os mesmos, e desenhos das crianças referentes a esse tema. O cartaz não identifica a turma e a disciplina. Contudo, podemos novamente supor que as aulas foram voltadas ao município, tendo em vista que Siderópolis produz 17,153 toneladas de feijão grão cor e 34,935 toneladas de feijão grão preto, de acordo com o último Censo Agropecuário do IBGE²¹. Essa colheita é reflexo de um município que tem a agricultura como uma de suas práticas que mais favorecem o crescimento econômico, bem como é paisagem de Siderópolis os grandes campos de plantação.

Percebe-se que a cultura implícita nesses cartazes conversa com a de Siderópolis, sem evidenciar apenas uma etnia ou classe, assim a criança pode aprender no seu cotidiano, primeiro a não levar a frente preconceitos e segundo, a sentir-se representada e conseqüentemente, envolvida e contemplada em um ambiente que, a partir disso, se torna mais agradável. E abordo McLaren (1997 apud ALMEIDA, 2015, p. 78) defendendo que a escola, enquanto espaço de formação não deverá excluir nenhuma cultura, uma vez que: “o repúdio ou desinteresse de alunos/as aos conteúdos escolares é uma forma de resistir o desmantelamento de suas identidades, pois a cultura escolar atrela à cultura dominante, à qual a maioria deles/as não tem acesso”.

Por fim, as últimas produções presentes na escola, estavam na sala de Artes, nela, haviam produções de alunos em processo de secagem. Eram caixas de sapatos e materiais alternativos, construindo ‘O quarto em Arles’ do artista Van Gogh. Ainda que não contemple características da cultura local, conhecer as manifestações artísticas de diferentes momentos históricos e sociedades é de igual importância, tanto no sentido de ampliar repertório e formar público para produções artísticas e culturais, bem como no sentido de reconhecer novas culturas e formas de expressão, como afirma Ferraz e Fusari:

²¹ Dados disponíveis em:
https://censoagro2017.ibge.gov.br/templates/censo_agro/resultadosagro/agricultura.html Acesso em: 25 out. 2018.

Integrando a relação entre “artista-obras-público-modos e comunicação”, bem como a interação na sociedade (no passado e no presente), que a arte deve compor os conteúdos de estudos nos cursos de Arte no currículo escolar e mobilizar as atividades que diversifiquem e ampliem a formação artística e estética dos estudantes. (2009, p. 23).

Por último, discorro sobre meus olhares nos corredores da Escola C e as primeiras produções visíveis consistiam em cartolinas pintadas com tinta guache, desenvolvidas provavelmente nas aulas de Artes, onde a primeira pintura consistia em formas orgânicas e abstratas e a segunda remetia a uma mandala, com elementos triangulares coloridos contrastando com o fundo preto. Na segunda produção podemos identificar algo mais figurativo, aparentemente um lobo, ele não tem olhos e seu corpo tem veias aparentes azuis; a última pintura retrata com formas geométricas um unicórnio, que se contrapõe com o fundo vibrante azul e laranja.

Andando mais um pouco vejo outra produção artística dos alunos colada na parede, são quatro pinturas de tinta sob cartolina, dessa vez, acompanhada de um cartaz com título: “Alquimia da Arte. Arte sumi-ê”. Duas pinturas, são muito semelhantes e trazem formas abstratas saindo do chão, parecem raízes sombrias, predominando cores escuras, as outras duas tem como elemento central uma cobra, essas, são alegres, pintadas com cores vibrantes.

Imagem 17 – Registro fotográfico das imagens na Escola C



Fonte: Acervo da pesquisadora

Pensar em Siderópolis tendo em mente o Túnel da Ferrovia Tereza Cristina, nos faz pensar sobre a comunidade local, e a prática de contar histórias populares. Não apenas essas são contadas em Siderópolis, mas muitas outras

também estão no imaginário da população. São mais conhecidas em meio às famílias que trabalharam nas roças, falam-se de criaturas que aparecem no escuro em meio as árvores, gados que ficam nervosos a noite, lobisomem e tantas outras.

Essas lendas permanecem na memória das crianças e supondo que são contadas em suas famílias podemos traçar relações com seus desenhos. Observando os animais que fogem do real e criaturas que saem do chão, com caráter surrealista, remete-me diretamente a essas lendas, como uma forma de ressignificá-las, já que, ao ouvi-las em um tempo e espaço próprio, esses sujeitos agregam novas formas de ver, considerando que “A imagem não é obrigatoriamente a representação do real, mas sim um signo construído pelas ideações, ou por estímulos do exterior, e que agrega formas” (FERRAZ; FUSARI, 2009, p. 20). A escuridão da noite é cenário da maioria das lendas e conversa com o preto tão presente nessas produções, algumas utilizam apenas cores escuras, contrapondo com tons vibrantes, como algo que aparece na noite. Outras, já mostram criaturas sem olhos ou boca, ou até mesmo tão coloridas que se misturam com o fundo, como as criaturas vistas pelos moradores do interior.

Essa desconstrução expressa nas pinturas reflete que a cada contexto histórico e temporal, significados distintos são atribuídos a aspectos culturais com os diferentes modos de vida, sendo possível somente por que se tem guardado na memória, e desse modo “as imagens instauram memórias possíveis, organizam o tempo em um trânsito em que as lembranças ganham mobilidade e deixam de ser passado estático, criando um fluxo entre presente, passado e futuro”. (MARTINS, 2013, p. 85).

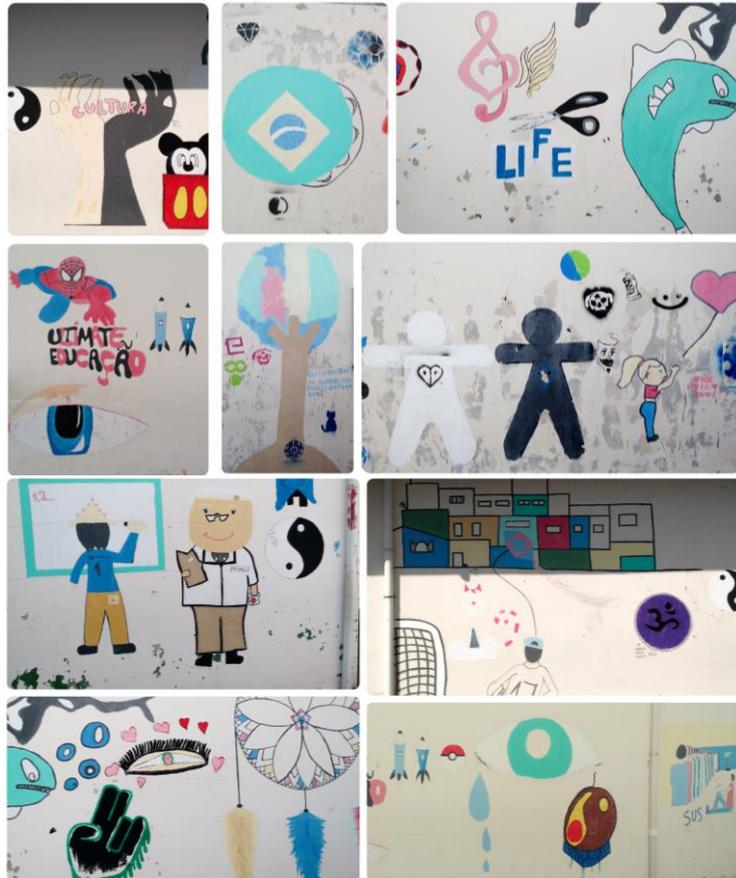
Outra atividade exposta na parede nos mostra produções de uma turma do Ensino Fundamental na disciplina de Artes. Com caveiras feitas com colagem de rolinhos de papel higiênico foi desenvolvida na aula a cantiga ‘Tumbalacatumba’, contendo um trecho da mesma abaixo de cada desenho expandido. Remetendo ao tema expresso pelas produções anteriores, uma forma de tratar de elementos presentes em lendas foi explorada mais explicitamente com essa turma, estando diretamente ligado a cultura, como encontramos nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte:

O universo da arte popular brasileira, por exemplo, envolve cantigas e folguedos, contos tradicionais, danças, textos escritos (como a literatura de cordel), cerâmica utilitária e ornamental, tecidos e uma infinidade de objetos

que são diferentes em cada região do Brasil. São formas de arte que expressam a identidade de um grupo social e não são nem mais nem menos artísticas do que as obras produzidas pelos grandes mestres da humanidade. (BRASIL, 1997, p. 74).

Conhecendo a cantiga que envolve caveiras, aponto novamente para as lendas originárias do município, apresentadas como forma de conhecer também o local nas aulas de Artes dessa turma, e ainda segundo os PCN, reconhecemos que “O professor pode descobrir, [...] o valor e a riqueza das manifestações artísticas brasileiras na sua variedade. Além disso, pode encontrar, na arte local de sua comunidade, uma fonte inestimável de aprendizagem para seus alunos” (BRASIL, 1997, p. 75).

Imagem 18 – Registros fotográficos das produções da Escola C



Fonte: Acervo da pesquisadora

Também foi possível ver, pintados diretamente na parede da escola, vários desenhos como: olhos, filtro dos sonhos, peixe, professor, médico, símbolo chinês, tesoura, símbolo musical, uma menina segurando um balão, frases, foguetes, uma fila de pessoas em um hospital, personagens de filmes infantis,

coelho, um menino soltando pipa com uma cidade ao fundo. Essas pinturas, provavelmente foram resultados de estudos sobre o grafite na disciplina de Artes, e percebendo que a mensagem trazida por cada um dos desenhos é distinta uma das outras, acredito que cada aluno pode se expressar livremente escolhendo temas que mais se aproximam de suas identidades.

Dessa forma, tratando cada produção individualmente, busquei criar relações entre determinados desenhos dialogando com a cultura. As imagens que mais me convidaram para contemplá-las consistem em duas mãos juntas com os dedos apontados para cima, onde uma é preta e a outra branca e no centro a palavra 'cultura' posicionada de tal modo que as mãos parecem segurá-la e, mais a frente, estavam dois bonecos semelhantes àqueles feitos com recorte de papel formando uma corrente, onde, da mesma forma, um era preto e o outro branco, mas dessa vez com um coração partido dentro deles.

Suponho que, de certa forma, a diversidade cultural é discutida nessas aulas, interpretando esses desenhos baseado na escolha das cores, sendo uma de etnias que têm como características a pele clara, como o caso dos europeus, e a outra, de etnias onde a cor da pele é escura, como as de origem africana. Considerando que a história de Siderópolis se constitui com essas duas etnias, encontrando aqui descendentes de italianos e de africanos e também tantas outras, posso apontar que os adolescentes que criaram esses desenhos buscaram defender o respeito, a tolerância, e mais forte ainda, o desejo de que não haja qualquer tipo de preconceito. Do mesmo modo, ao ver uma árvore acompanhada da frase 'todos gostam da sombra, mas poucos cultivam ela', identifico um anseio pelo cuidado e preservação do meio ambiente numa tentativa de promover o plantio de árvores, fazendo o observador repensar seus hábitos. Siqueira nos faz repensar sobre os alcances do ensino da arte:

A aula de arte pode ser o espaço para o descondicionalismo cultural, pela presença viva, para o questionamento de crenças, nacionalismo, religiões, verdades e moralidades da sociedade. [...] Na investigação que parte de quem aprende, pode acontecer o conhecer com vontade. (2015, p. 161).

Ao mergulhar nas escolas, analisando todas as imagens que convidaram o meu olhar nesta pesquisa, identifico que as escolas podem estar desenvolvendo estudos sobre a cultura local, abrindo espaços para que os alunos possam refletir

sobre temas presentes em Siderópolis. Muitos trabalhos não continham qualquer identificação de turma ou disciplina. Contudo, somente com a linguagem artística, eles tiveram espaços para expressarem, nos contando sobre o que acontece dentro da sala de aula e também o que se passa no interior de cada um, trazendo referências de suas vivências. E comungo com a visão de Martins (2013, p. 95) ao nos dizer que: “olhar, imagens e visualidades devem ser tratados como problema, para não nos deixarmos conter/deter pela formatação dos modos de ver”.

Por fim, concluo esta experiência de analisar as fotografias capturadas no ambiente escolar investigando a aula num movimento inverso, evidenciando o resultado final, lembrando o poder das imagens presentes em todas as escolas. Elas são um recurso quando se busca compreender a dinâmica das aulas, o discurso dos alunos e dos professores, o que perpassa os conteúdos, como afirma Macedo: “Captar essa diversidade imagética, reconhecendo-a como constituinte dos espaços/tempos e sujeitos das escolas, e tendo-a como pista nas pesquisas no/do cotidiano das escolas que queremos compreender, é fundamental” (2007, p. 127). E ainda encontramos em Martins, um diálogo entre imagem e cultura:

As imagens nos constroem como sujeitos num labirinto de teias de significados que se interconectam nas dimensões sociais e simbólicas da cultura. O conhecimento, assim como a cultura, é construído a partir de múltiplas vozes, sentidos e perspectiva que refletem influências políticas, econômicas, religiosas e sociais. (2015, p. 31).

Sendo assim, explorando estas imagens, tive a oportunidade de apontar quais aspectos culturais são mais valorizados: família, trabalho, agricultura, natureza, religião, lendas, diversidade cultural. No entanto, não foi possível identificar nenhum patrimônio cultural sendo desenvolvidos nas aulas de modo integral, resgatando as histórias dos mesmos e a sua importância no cenário artístico, mesmo levando em conta que a cultura local faz parte das aulas, inclusive na disciplina de Artes, ela se mostra ainda tímida diante da abrangência desse conteúdo e dos recursos disponíveis no município. Os alunos, por sua vez, puderam ressignificar a cultura com suas percepções e seus contextos, e afirmar através da arte que pertencem a esse espaço e se fazem construtores de histórias e de cultura.

6 PROJETO DE CURSO: UMA PROPOSTA CULTURAL

Título: Cultura local: Novos olhares para Siderópolis

Ementa: Patrimônios culturais. A cultura local e as aulas de Artes.

Carga Horária: 40 horas

Público Alvo: Professores e professoras de Artes que atuam no município de Siderópolis.

Justificativa:

Esta proposta vem ao encontro do desenvolvimento e resultados da pesquisa que se investigou, através das imagens presentes nas escolas de Siderópolis, a presença da cultura local nas aulas. Considerando que em todas as escolas foi possível apontar elementos culturais de Siderópolis/SC nos desenhos dos alunos, mas, que ao mesmo tempo, os patrimônios culturais ainda são pouco evidenciados no resultado dessas aulas, vejo como importante a elaboração de um projeto que propicie espaços para a discussão do tema nos planejamentos escolares em Artes, caminhando para momentos de reconhecimentos desses patrimônios.

Ressalto a determinação legal, nº 9.394/96 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no artigo 26 parágrafo 2º, alterada em 2017 pela lei nº 13.415/17: “O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação básica”, demonstrando o direito de alunas e alunos em conhecer as manifestações artísticas e culturais de sua região.

Nesse momento, questiono-me: De que forma os professores atendem a lei em suas ‘expressões regionais’? Quem são os artistas de Siderópolis? Eles estão presentes nos planejamentos da disciplina? Será que os professores conhecem os elementos do patrimônio cultural do município? E estes são evidenciados em suas aulas? Dessa forma, o curso envolverá momentos de debates, roda de conversa, reflexões em grupos, e experiências culturais. Faz-se necessário que os professores

de Artes tenham em seus repertórios pessoais esses patrimônios para que possam integrá-los em suas aulas oportunizando assim a valorização da diversidade cultural, estreitando relações entre aluno, professor, cultura e município.

Com os olhares conectados, (re)conheceremos os principais patrimônios culturais de Siderópolis, bem como a diversidade cultural aqui presente, e nessa experiência de conhecer o território, com as vivências estéticas, esses espaços poderão ser ressignificados pelos professores, promovendo a valorização local e a estendendo para o ensino da arte.

Objetivo Geral:

Propiciar momentos de reconhecimento da cultura local do município de Siderópolis, a fim de ampliar o repertório artístico e cultural dos professores, identificando a importância da cultura local como conteúdo obrigatório da disciplina de Artes.

Objetivos Específicos:

- Analisar criticamente o ensino da arte através das leis e documentos norteadores que discutem sobre a cultura local;
- Reconhecer a diversidade cultural presente em Siderópolis;
- Ampliar repertório cultural e artístico visitando os patrimônios culturais do município.

Metodologia:

A proposta acontecerá durante a semana de recesso escolar no mês de julho. No primeiro encontro teremos discussões e reflexões sobre o ensino da arte e a cultura local. Os professores e professoras receberão um material com o intuito de rever conceitos de cultura, bem como discutir sobre a legislação brasileira referente ao assunto. No segundo momento, professores que lecionam em Siderópolis serão convidados para compartilharem suas propostas de aula com o tema cultura local, e socializarem com os demais compartilhando seus conhecimentos sobre o município, envolvendo artistas locais, manifestações culturais, patrimônios, entre outros.

A partir do segundo encontro, teremos dias inteiros de palestras com convidados especiais, iniciando às 8h30min, com pausa para almoço e cafés, finalizando às 16h30min. O geólogo Sander Hahn será convidado para esse primeiro encontro, a fim de conversar sobre o curta metragem 'Domingos Bugreiro' que conta a vida dos índios Xokleng e demais pesquisadores sobre o assunto. No terceiro encontro, o convidado será Rogério Dalsasso, proferindo sobre a história de Siderópolis abrangendo os conjuntos arquitetônicos da CSN no bairro Rio Fiorita, conjuntamente com Elaine Rodrigues, finalizando com a Academia de Letras e Arte de Siderópolis com um momento de experiência estética ao expor seu acervo.

No quarto encontro, teremos a professora e escritora Giselle Marques com um curso sobre cultura afro-brasileira, juntamente com o Movimento Negro Cruz e Sousa e o Fórum da Mulher Negra, ambos de Siderópolis. No quinto encontro seguindo com as palestras, a Casan será convidada para apresentar a Barragem e seu entorno como patrimônio natural, bem como o livro 'Memórias de São Pedro', seguindo o dia com Macsuel De Bona ministrando sobre o Túnel da Ferrovia Tereza Cristina e suas lendas.

Para finalizar essa semana artística e cultural, no sexto encontro, que será realizado ao sábado dessa semana, um roteiro de visita foi elaborado a fim de que os participantes possam conectar seus olhares diante dos patrimônios culturais, propiciando uma vivência cultural no município, ampliando repertório dos mesmos, promovendo a valorização das culturas presentes em Siderópolis com o viés artístico. Um ônibus será contratado e partirá do bairro Vila São Jorge. O roteiro elaborado seguirá nessa ordem de visita: Santuário Nossa Senhora de Fátima, Túnel da Ferrovia Tereza Cristina, Complexo arquitetônico da CSN, Capela Santa Ana, Cachoeira do Bianchini, Barragem do Rio São Bento.

Ao final do ano letivo, marcaremos um retorno para o mês de novembro, e nesse encontro conversaremos sobre as propostas elaboradas e aplicadas pelos professores em suas respectivas escolas e turmas de atuação, com o intuito de compartilhar suas experiências docentes e os resultados alcançados dos projetos que tiveram como conteúdo a cultura local de Siderópolis.

Referência

BRASIL. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF: 20 de dezembro de 1996.

7 ÚLTIMA PARADA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Iniciei esta pesquisa evidenciando minhas memórias, e é da mesma forma que a concluo. Agora revisitadas, posso perceber um novo relacionamento entre eu – enquanto moradora, pesquisadora, artista, professora – e a cultura do município, onde a arte se fez protagonista. Vivi novamente a minha infância, senti o cheiro de palheiro²² do meu avô, ouvi os carros passando pela estrada de terra, o barulho do balanço na casa minha tia. Redescobri espaços já visitados, agora com olhar poético, outros, conheci, mesmo estando tão pertos de mim. Muito mais do que buscar redescobrir Siderópolis, eu estive aberta para explorar e ouvir o que diz essa terra, aberta para me deixar atravessar pela experiência da pesquisa, aberta para desconstruir certezas, aberta para produzir sentidos onde poucos poderiam ver potência.

Houve momentos em que me senti na obrigação de olhar de longe, como quem observa de fora, para ter a oportunidade de compreender a imensidão de significâncias e caminhos presentes em Siderópolis. Em outros, olhei com ajuda de uma lupa para poder me debruçar nos detalhes. Mas, independente do momento no trajeto com a pesquisa, nem por um minuto consigo me desvincular da mesma. Esse olhar que amplia as possibilidades de observar o mundo é mérito do meu encontro com a arte.

A partir da questão, que foi problema de pesquisa – Observando as imagens expostas nas escolas, é possível perceber se a cultura local de Siderópolis/SC vem sendo desenvolvida com os alunos? – dediquei-me a perceber o que contam as imagens nas paredes das escolas, e fotografando-as consegui me debruçar sobre estas imagens que convidaram o meu olhar evidenciando os detalhes das produções dos alunos, estabelecendo diálogos com a cultura local e a arte. Percebi que as escolas promovem o ensino da cultura local, propiciando espaços para o reconhecimento de temas presentes no município. Entretanto, não identifiquei os nossos patrimônios culturais nas imagens expostas, de tal modo que

²² Cigarro feito com fumo picado e enrolado por palha de milho.

resgate as histórias dos mesmos e a sua importância no cenário artístico. Os aspectos culturais que mais ficaram evidentes foram entorno da família, trabalho, agricultura, lendas, natureza, religião e diversidade cultural. Contudo, a cultura local faz parte das aulas, inclusive na disciplina de Artes, mesmo apresentada ainda de maneira tímida diante da abrangência desse conteúdo e dos recursos disponíveis no município. Com a oportunidade de pesquisar nas escolas a cultura de Siderópolis, consegui perceber através das produções dos estudantes, que eles têm espaços para ressignificar a cultura com suas percepções e seus contextos e afirmar através da arte que pertencem a esse espaço e são produtores de histórias e de cultura.

Percebi que a diversidade cultural em Siderópolis é negada por alguns pesquisadores, que tentam empurrar a ideia de uma cultura pura e única, valorizando somente os italianos, contudo, no decorrer da pesquisa percebemos que no município encontramos diferentes etnias que enriquecem a identidade cultural. Infelizmente, posso afirmar que muitas visões preconceituosas se manifestam nos cochichos do dia a dia, eu mesma já presenciei esses momentos. O olhar racista é algo construído culturalmente, mas ele pode e deve ser quebrado. Assim, hierarquizar as etnias não será mais uma prática tão comum em lugares com colonização europeia. Propiciar momentos de cursos e discussões sobre as diferenças culturais presentes no município é um caminho para repensar essas práticas, principalmente no campo da educação.

Além disso, enquanto professora de Artes Visuais, destaco a potência das imagens, principalmente no mundo contemporâneo, onde elas invadem cada vez mais nossos cotidianos, com a oportunidade de ver e tentar compreender o que elas podem estar-nos contando, é um caminho incrível para a pesquisa. Entretanto, elas não são as únicas fontes de expressão, a música, o teatro e a dança também são de igual poder, além de serem construídas culturalmente, assim como as imagens. A arte, indiferente da sua linguagem e especificidade, é essencial na vida das pessoas, é através dela que podemos mostrar como vemos o mundo, como interagimos com ele, comunicando sobre nossas experiências e vivências diante do nosso contexto. E é dessa forma que vi os desenhos dos alunos e alunas nas paredes das escolas. O simples fato de todas serem expostas na parede, já reflete a cultura desses sujeitos.

A arte é um campo em que inúmeras possibilidades de fazer são possíveis, onde não há um único caminho, uma só maneira de pensar e de agir,

portanto, explorar a potência artística local é necessário para esses alunos, no sentido de ampliar repertório, valorizar seu entorno, reconhecer-se enquanto construtores de cultura, aguçar o olhar sensível e crítico para o que está ao redor.

Despertou-me também, reflexões sobre a falta de instituições culturais em Siderópolis. O município não contempla casa da cultura, museu, teatro, cinema, ou qualquer espaço destinado para a arte e cultura. Faltam investimentos por parte do governo. A falta de espaços para o campo artístico cultural e de reconhecimento para com esses artistas, são apenas um reflexo. Os pintores, músicos, cantores, corais, grupos de dança, poetas do município não tem sequer um espaço físico para reunir-se. A população tem direito a um local específico para conhecer o acervo de pintura, para poder realizar saraus, espetáculos de dança, rodas de conversa com artistas, exposições escolares, apreciar os cantores, conhecer as poesias e os livros de autores. Enfim, é momento para se repensar sobre como o município é visto referente à arte.

Por fim, acredito ter alcançado meus objetivos, mas, concluo esse trabalho dizendo que não acabou por aqui. Agora poderemos cada um com seu olhar, interpretar a arte e a cultura presente em Siderópolis, principalmente no âmbito do ensino da Arte. Se permitir repensar sobre verdades postas e a imagem que o município nos traz, esse é um dos caminhos propostos. A cultura também não deve ser considerada e usada apenas como atrativo turístico, apesar de ser um município com quase nenhum investimento nessa área, entretanto, o professor de Artes deverá compreender a arte enquanto uma das teias da cultura e levar esse conhecimento para as aulas. O contexto da escola, do aluno, sua identidade, seu lugar de vivências, suas pluralidades culturais, deverão estar presentes para um ensino em Arte de qualidade, que modifique olhares superficiais, que mostre novas formas e ângulos de ver a arte. Estar em constante pesquisa é fundamental nessa perspectiva, principalmente para ampliar as relações ente arte, cidade e escola. Pessoas cheias de certezas não buscam o novo.

Por tudo isso, repense!

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Célia Maria de Castro. Por uma escuta da obra de arte. In: OLIVEIRA, Marilda de Oliveira (Org.) **Arte, Educação e Cultura**. 2 ed. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2015.

ATAÍDES, Jézus Marco de; MACHADO, Lais Aparecida; SOUZA, Marcos André Torres de. **Cuidando do patrimônio cultural**. Goiânia: Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás, 1997.

BAUMER, Édina Regina. **O ensino da arte na educação básica**: as proposições da LDB 9.394/96. 2009. 94 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Educação, Criciúma, 2009 Disponível em: <<http://www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/00003F/00003F62.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

BRASIL. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm> Acesso em: 01 out. 2018.

_____. Lei nº 13.415, de 16 fevereiro De 2017. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 16 de fevereiro de 2017. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm#art2> Acesso em: 01 out. 2018.

_____. Lei Nº 9.795, de 27 de Abril de 1999. **Política Nacional de Educação Ambiental**. Brasília: 27 de Abril de 1999. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9795.htm> Acesso em: 01 out. 2018.

_____. Lei nº 11. 645, de 10 de Março de 2008. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 10 de Março de 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm#art1> Acesso em: 01 out. 2018.

_____. Ministério da Educação Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. Brasília: DP&A, 1997. 130 p.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velho. 9. Ed. São Paulo Companhia das Letras, 2001. 484 p.

CAMNITZER, Luis. Ni arte ni educación. In: MADRID, Matadero. INVISIBLES, Pedagogias. **Ni arte ni educación**. Uma experiência em la que lo pedagógico vertebrata lo artístico. Grupo de Educación de Matadero Madrid. Madrid: Catarata, 2017, p.19-25

CANTON, Katia. **Tempo e memória**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. (Temas da arte contemporânea).

COELHO, Roseane Martins. O sujeito e a construção da identidade: implicações na infância, na educação e na arte. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. **Cultura visual e infância: quando as imagens invadem a escola...** Santa Maria: Ed da UFSM, 2010.

DA MATTA, Roberto. **Você tem cultura?** Jornal da Embratel, RJ, 1981.

DASSI, Nilso. **Nova Belluno, 1891: Siderópolis 1943.** 2. ed., rev. ampl. Siderópolis, SC: Ed. do Autor, 2011.

DE BONA, Macsuel; RODRIGUES, Elaine. COMISSÃO DE REVITALIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE SIDERÓPOLIS. Dossiê. Pedido de tombamento do conjunto de bens culturais de Siderópolis, 2017.

DIAS, Belidson. A/r/tografia como Metodologia e Pedagogia em Artes: uma introdução. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Orgs.). **Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia.** Santa Maria: UFSM, 2013.

EÇA, Teresa T. Perguntas no ar sobre metodologias de pesquisa em arte educação. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Orgs.). **Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia.** Santa Maria: UFSM, 2013.

FERRAZ, Maria Heloisa Corrêa de Toledo; FUSARI, Maria F. de Rezende E. **Metodologia do ensino de arte: fundamentos e proposições.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989.

_____. **O saber local: ensaios em antropologia interpretativa.** 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

IRWIN, Rita L. A/r/tografia. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Orgs.). **Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia.** Santa Maria: UFSM, 2013.

IRWIN, Rita L.; SPRINGGAY, Stephanie. A/r/tografia como forma de Pesquisa Baseada na Prática. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Orgs.). **Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia.** Santa Maria: UFSM, 2013.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** 18 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LEITE, Maria Isabel F. Pereira. Experiência estética e formação cultural: discutindo o papel da cidade e de seus equipamentos culturais. In: MAKOWIECKY, Sandra (Org.); OLIVEIRA, Sandra R. Ramalho e. **Ensaio em torno da arte.** Chapecó, SC: Argos, 2008.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 7 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

MACEDO, Regina Coeli Moura de. **Imagens e Narrativas Nos/Dos Murais: Dialogando Com os Sujeitos da Escola**. Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 98, p. 111-128, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n98/a07v2898.pdf>> Acesso em: 28 out. 2018.

MAGAGNIN, Altair. **Gigante padroeira**. Jornal da Manhã. 1º de Dezembro de 2011. Geral, p.5

MAKOWIECKY, Sandra. Uma crítica à crítica da arte: o papel da crítica, história e ensino da arte. In: MAKOWIECKY, Sandra (Org.); OLIVEIRA, Sandra R. Ramalho e. **Ensaaios em torno da arte**. Chapecó, SC: Argos, 2008.

MARTINS, Raimundo. A cultura visual e a construção social da arte, da imagem e das práticas do ver. In: OLIVEIRA, Marilda de Oliveira (Org.) **Arte, Educação e Cultura**. 2 ed. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2015.

MARTINS, Raimundo. Metodologias visuais: com imagens e sobre imagens. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Orgs.). **Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia**. Santa Maria: UFSM, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revistada**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 1994. 153 p.

NECKEL, Nádia Régia Maffi; OLIVEIRA, Onéris de; BUENO, Viviane. Patrimônio cultural por meio de imagens: um recorte arquitetônico em madeira na região de Canoinhas. In: MARMO, Alena Rizi; LAMAS, Nadja de Carvalho (Org.). **Investigações sobre arte, cultura, educação e memória: coletânea**. Joinville, SC: Editora Univille, 2012.

Padre Henrique Koehler S. J. **Dicionário Escolar Latino - Português**. 4 ed. Porto Alegre: Livraria o Globo, 1939.

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. Arte e seu ensino na contemporaneidade. In: MAKOWIECKY, Sandra (Org.); OLIVEIRA, Sandra R. Ramalho e. **Ensaaios em torno da arte**. Chapecó, SC: Argos, 2008.

POSSOLI, Thaize. **A Importância da Educação Patrimonial: A CSN Como Patrimônio Histórico em Siderópolis**. 2008. Curso de Pós-Graduação Especialização Em História: História, Ensino e Linguagens. Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2008. Disponível em: <<http://200.18.15.60:8080/pergamumweb/vinculos/000038/00003826.pdf>> Acesso em 10 set. 2018.

RODRIGUES, Elaine. **Patrimônio industrial: usos, conflitos e disputas em torno das estruturas do carvão em Siderópolis/SC**. 2016. TCC - Curso de História. Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/Eloise/Downloads/TCC%20sobre%20Patrim%C3%B4nio%20Elaine%20Rodrigues%201%20(1).pdf> Acesso em 20 set. 2018.

RODRIGUES, Olinda Custódio. **A instalação da CSN em Nova Belluno e os “respingos” da política do Estado Novo - décadas de 40 a 60**. 2001. Monografia - Pós-Graduação em História Local e Regional. Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2001.

Santuário de Nossa Senhora de Fátima será inaugurado dia 13. Gazeta Popular. Siderópolis, Abril de 2012, Geral, p.6.

SCANO, Padre Renato. **SIDERÓPOLIS (Nova Belluno): uma grande aventura**. Caxias do Sul, RS: Ed. Paulinas, 1963. 190 p.

SIQUEIRA, Juliano. Krishnamurti e a Educação. In: OLIVEIRA, Marilda de Oliveira (Org.) **Arte, Educação e Cultura**. 2 ed. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2015.

SÜSSENBACH, Carla; GEVAERD, Maria Mercedes. Art déco: mediações entre cidade história e patrimônio. In: MARMO, Alena Rizi; LAMAS, Nadja de Carvalho (Org.). **Investigações sobre arte, cultura, educação e memória: coletânea**. Joinville, SC: Editora Univille, 2012.

TOMAZ, Paulo Cesar. **A história do Patrimônio Cultural no Brasil**. In: Fênix – Revista de História e Estudos Culturais. Maio/ Junho/ Julho/ Agosto de 2010 Vol. 7 Ano VII, nº 2. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/PDF23/ARTIGO_8_PAULO_CESAR_TOMAZ_FENIX_MAIO_AGOSTO_2010.pdf> Acesso em: 28 ago. 2018.

TONGNON, Marcos. Entre o presente e o passado. In: PARK, Margareth Brandini (Org.). **Formação de educadores: memória, patrimônio e meio ambiente**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003.

VICENZI, Tales; SILVA, Janine Gomes da. Vila Nova: uma investigação sobre o cotidiano. In: MARMO, Alena Rizi; LAMAS, Nadja de Carvalho (Org.). **Investigações sobre arte, cultura, educação e memória: coletânea**. Joinville, SC: Editora Univille, 2012.

WARMLING, Dilma C. et al. **Siderópolis: uma cidade boa para se viver**. Siderópolis, SC: Prefeitura Municipal, 2012. 402 p.

ZUCHINALLI, Thalyta. **Afrodscendentes no sul de Santa Catarina. Os novos sujeitos: experiências e trajetórias (1941-1985)**. 2016. PPGH - Programa de pós-graduação em história. Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Florianópolis, 2016.

APÊNDICE

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO



UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA/2018
PROFESSORA ORIENTADORA: EDINA REGINA BAUMER
ACADEMICA: ELOISE SALVARO LOCATELLI

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE

Estamos realizando a coleta de dados para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “**Um olhar para Siderópolis/SC: a cultura local na escola**”.

O (A) sr(a): _____
diretor(a) da _____ foi plenamente esclarecido de que autorizando a coleta de dados desse projeto na UNESC, estará participando de um estudo de cunho acadêmico, que tem como um dos objetivos *investigar se a cultura local do município de Siderópolis/SC vem sendo desenvolvida com os alunos observando as imagens presentes nas escolas*. Embora o (a) sr(a) venha a aceitar a participar neste projeto, estará garantido que a unidade escolar no qual representa poderá desistir a qualquer momento bastando para isso informar sua decisão. Foi esclarecido ainda que, por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro o (a) sr(a) não terá direito a nenhuma remuneração. Desconhecemos qualquer risco ou prejuízos por participar dela. Os dados referentes a unidade escolar serão sigilosos e privados, preceitos estes assegurados pela Resolução nº 196/96 sendo que o (a) sr(a) poderá solicitar informações durante todas as fases do projeto, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta.

A coleta de dados será realizada pela acadêmica Eloise Salvaro Locatelli da 8ª fase de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC, orientada pela professora Édina Regina Baumer.

Criciúma – SC, 20 de setembro de 2018.

Assinatura